

Port  
6292  
45.305

WIDENER



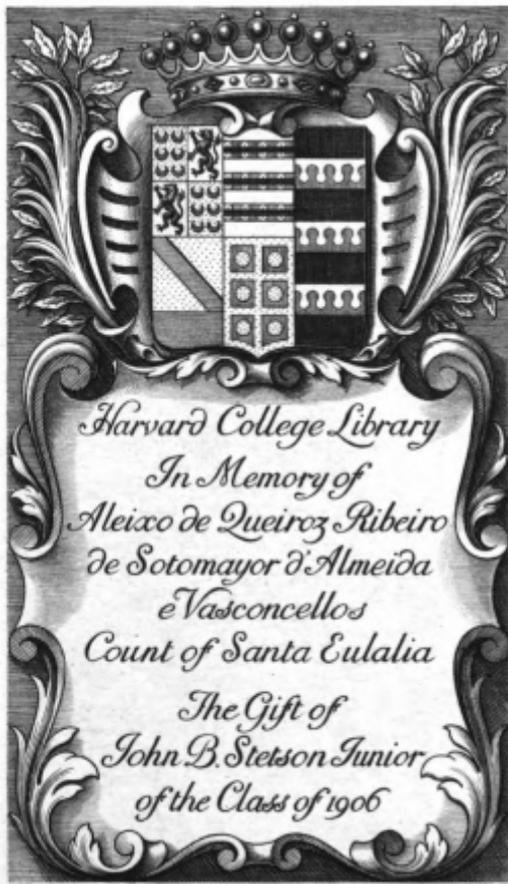
HN ZH9Y 6



Digitized by Google

Original from  
HARVARD UNIVERSITY

Port 6292.45.305

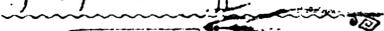








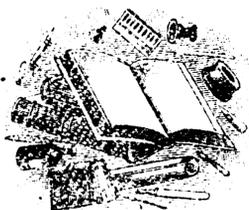


221  
  
DR. SEGUNDO WANDERLEY  


# AMOR E CIUME



Drama em 3 Actos



FORTALEZA

Editores—MILITÃO BIVAR & C.<sup>ª</sup>

Typ. Minerva—Assis Bezerra.

1903





Dr. Segundo Wanderley

# AMOR e CIUME

DRAMA EM 3 ACTOS

~~~~~

O mundo é um palco, a vida um drama, o homem um actor, a consciencia o publico, os risos os applausos, as lagrimas a pateada da opinião.

\* \* \*



**FRANCA**

EDITORES — MILITÃO BIVAR & C.<sup>a</sup>

~~~~~

Typ. Minerva—Assis Bezerra.

~~~~~

1903

Port 6292.45.305

HARVARD COLLEGE LIBRARY  
COUNT OF SANTA EULALIA  
COLLECTION  
GIFT OF ^  
JOHN B. STETSON, Jr.

9 DEC 1924

215

## **C**OTO DE CONFESSÃO

O presente trabalho foi escripto no periodo de 20 dias, durante os intervallos de uma intermittente palustre impertinente e fatigante. É, portanto, mais um producto pathologico do que um subsidio litterario. A absolvição de seus erros está na sinceridade desta expontanea confissão.

S. W.



# PERSONAGENS

DR. OSCAR, Medico. . . . .  
D. ANGELA, sua esposa . . . . .  
D. ESTHER, sua filha . . . . .  
RENATO, amigo intimo de Oscar. . . . .  
EDUARDO, publicista . . . . .  
ANDRÉ, criado. . . . .  
AUGUSTO, idem . . . . .



Representado a primeira vez na cidade do Natal  
pelo grupo dramatico dirigido pelo eximio  
actor Manoel Ferreira da Silva, nas noites de  
19 e 23 de Agosto de 1900 e assigna-  
lando o primeiro centenario artistico do  
mesmo GRUPO.





# DENOMINAÇÃO DOS ACTOS

1. ° *A Tempestade do Lar.*
2. ° *Os Naufragos do Amor.*
3. ° *O Iris da Bonança.*



Esphera de acção — BAHIA

Esphera de tempo — ACTUALIDADE.





Acto Decree Dramatic,  
em notas proprietarias off.  
Eu sou of *Doyle* *file*

## ACTO

*Sala de espera em casa do Dr. Oscar.  
Portas a D. que deitam para o  
salão do baile. Portas a E. que  
deitam para um jardim. A sala  
é dividida por columnatas, dei-  
xando ver ao fundo um pe-  
queno leito.*

### SCENA 1.<sup>a</sup>

**André** (*acabando de accender os candieiros*)—Irre, que estou estafado como se tivessé subido a trote a ladeira da Misericórdia! O tal baile tem-me posto o espinhaço molle. Safa! Tenho-me visto n'um atropello de todos os diabos! E' *seu* André p'r'aqui, *seu* André p'r'alli, *seu* André p'r'acolá. Não durmo, não como, não bebo, não fumo, não reso, não tenho tempo nem de ver a Quiteria. Ora bolas! Tudo ha de ser feito pelo Sr. André. *Seu* André que fale aos musicos, que encommende os bollos, que compre as bebidas, que arranje as flôres, que enfeite as salas, que distribua os convites, que, que levem o diabo os taes bailes e mais quem os inventou. Embirro damnadamente com essa borracheira. Olhe, se a Sra. Quiteria tivesse a lembrança de se metter n'uma rascada d'essas eu cahia-lhe em cima com a quarta obra de misericórdia que ella havia de ver o bom e o bonito.

SCENA 2.<sup>a</sup>

O mesmo e o Dr. Oscar, casualmente vestido.

Oscar

Então, Sr. André, está tudo em ordem?

André

Fiz o que pude, patrão. Se não está do gosto de S. S. a culpa não é minha. Eu bem disse que não tinha embocadura para esse negocio.

Oscar

Foram entregues todos os convites?

André

Menos o do Major Fialho, que embarcou hontem para o Rio de Janeiro (*a parte*) Tambem não se perdeu lá grande cousa. E' uma bocca de menos...

Oscar

Está bom; vá tratar de accender as luzes do salão do baile, que já vai se fazendo tarde e os convidados não devem tardar.

André

Isto é n'um momento, patrão. Tambem era só o que faltava (*sahe*).

SCENA 3.<sup>a</sup>**Oscar** (*só*)

Chamem-me pessimista, retrogrado, excentrico, o que quizerem, mas não se harmonisa com o meu temperamento, nem se coaduna com os meus principios semelhante genero de distracções. O baile é para mim um divertimento inutil, quando não prejudicial. E' o escolho doirado onde muitas vezes naufragam corações incautos que se deixam embriagar pelo conjuncto de seducções irresistiveis. Desde o innocente perfume das flores até o rendilhado posição d'estas phrases de apuro, tudo contribue para a perversão dos sentidos. E' o veneno do escandalo libado na taça doirada da civilisação. Mas que querem? A sociedade assim o exige, e o homem não é mais do que um executor servil das mentiras convencionaes.

SCENA 4.<sup>a</sup>*O mesmo e André***André**

Aqui tem uma carta que me deram para entregar a V. S.

**Oscar**

Uma carta? (*examina*). Não conheço a letra. (*abre e lê*). «Se é um medico humanitario, como creio, faço um appello á nobreza de seus sentimentos e rogo a V. S. o favor de vir, quanto antes, a

fim de ver se é possível salvar um infeliz que acaba de tentar contra sua existencia. O cartão junto indicará o nome e a morada da victima. — Maria da Conceição, florista, rua do Valle n. 12». Que motivos levariam essa desgraçada á loucura do suicidio? E eu tenho de ser testemunha d'esse spectaculo. Ah! A medicina é um verdadeiro posto de sacrificios! O medico não se pertence, é o escravo da dor, o grilhete da caridade. Sua preocupação é o soffrimento, seu idéal é o martyrio. E' um comparsa obrigado em todos os dramas da fatalidade. Oh! mas não ha tempo a perder (*toca o tympano, apparece o criado*). Vá prevenir a Senhora que vou sahir e que talvez me demore. (*o criado sahe*). Não ha outro remedio senão sacrificar os amigos aos enfermos, desprezar o prazer pelo infortunio, collocar os deveres do apostolado acima das exigencias da sociedade (*pausa*). Sei que vou provocar uma tempestade desabrida: mas antes uma borrasca no coração do que uma nuvem na consciencia. O raio fulmina mas não deshonra; apara-se um golpe, mas não se amordaça o remorso; a alma sangra, mas a razão exulta. Vamos; seja-se medico acima de tudo! (*sahe*).

SCENA 5.<sup>a</sup>

**André** (*só*)

O patrão já *azulou* no mundo. Desconfio que hoje temos por aqui uma agua suja de todos os peccados. A sujeita ficou como uma jararaca assanhada quando lhe dei o recado. Aquella, aquella é mulherzinha de cabello na venta. Não deixa o marido pôr os pés em ramo verde. No dia em que está de

capello virado nem Satanaz a supporta: E' louça quebrada, é descompostura, é faniquitos, é tanta arrelia que o pobre do patrão só falta perder o juizo. Ciume, ciume foi a praga mais damnada que Deus botou no mundo.

SCENA 6.<sup>a</sup>

*O mesmo e Angela*

**Angela** (*fora*)

Senhor André, ó Senhor André!

**André**

Lá se vai tudo pelos ares.

**Angela**

Então o Senhor perdeu as ouças? Não me ouviu chamal-o?

**André**

Ouvi, sim, Senhora, e ia responder, mas a Senhora nem sequer deu tempo.

**Angela**

Sabe para onde foi o Dr. Oscar?

**André**

Para falar a V. Exc. com o devido respeito, ignoro o conteúdo por falta de conhecimento.

**Angela**

O Senhor esta faltando a verdade !

**André** ( *a parte* )

Peior vai ella. (*alto*) Desculpe-me V. Exc. mas foi peccado que nunca me levou aos pés do sr. vi-gario.

**Angela**

Quero saber já de tudo o que se passou aqui. Vamos, avie-se.

**André**

Só o que posso dizer é que o Sr. Dr. recebeu uma carta que lhe trouxe uma mulher, que ficou muito commovido, e que sahiu, como lá se diz, em cima do rasto.

**Angela**

Está bem ; pode retirar-se.

**André** ( *a parte* )

Por isso estou eu doido. (*alto*) V. Exc. não ordena mais nada ?

**Angela**

Retire-se ; já lhe disse.

**André** ( *a parte* )

Está peor do que surucucú de fogo. Não queria estar na pelle do marido nem um minuto (*sahe*).

SCENA 7.<sup>a</sup>**Angela** (só)

Que bonita situação esta minha! Que marido possuo eu que não sabe, ao menos, guardar o decôro indispensavel nas occasiões devidas! Abandonar-me na noite do meu anniversario! Quem seria capaz de pensal-o? (*lendo o cartão que encontra sobre a mesa*) Maria da Conceição—Florista—Rua do Valle n. 12. Ah! abominavel hypocrita, seductor de baixa estopa, homem sem brios e sem pudor, até que emfim deixaste a descoberto a ulcera que te gangrenava a alma! Trocar-me por uma miseravel florista, como se eu fosse um filha do pó, nascida na ultima escala da sociedade! Veremos, veremos como se defenderá quando atirar-lhe ás faces a prova de sua baixaeza, o testemunho de seu aviltamento. Character, posição, nome, honra, amigos, mulher, filha, tudo esqueceu o canalha para correr em procura de quem melhor lhe pudesse offerecer mais deleitosos attrativos (*pausa*). Mas será possivel que Oscar me tenha trahido? Que não tenha respeitado nem o dia de hoje? Elle, tão generoso, tão docil, tão sensato, tão educado, seria capaz d'esta revoltante ingratição? Oh! é horrivel! Esta incerteza aniquila-me, esta anciedade mata-me (*senta-se aniquilada*).

SCENA 8.<sup>a</sup>*A mesma, Commendador Pacheco, Eduardo e Renato.***Angela**

Vem alguém. E' preciso disfarçar, sim, disfarçar. E o que é o rosto senão uma mascara de carne?

**Eduardo**

Minha Senhora, permitta que o mais humilde de seus adoradores deponha aos pés da gentil soberana desta esplendida festa as manifestações mais eloquentes de sua sincera homenagem.

**Commendador**

E eu imploro de V. Exc. o grato consentimento para depor ao lado das rosas brilhantes que adornam o diadema de suas virtudes estas modestas flôrinas, colhidas no jardim de meu respeitoso affecto.

**Renato**

Eu prescindo dos atavios da rethorica e do cortejo das flores. Não estou habituado ao adorno das phrases nem aos amavios pretenciosos dos elegantes da epocha, mas possuo a virtude da sinceridade, que preside a todos os meus actos e da qual neste momento me utiliso para assegurar-lhe a minha estima e consideração.

**Angela**

Penhoram-me, sobre modo, meus Senhores, estes testemunhos expressivos de elevado apreço com que a vossa generosidade captivante se compraz distinguir-me.

**Commendador**

Muito mais merece quem tão raras e preciosas virtudes possue.

**Eduardo**

O que sinto é que o nosso humilde tributo não esteja na altura do objecto que o conquistou.

**Renato**

Quanta sensaboria!

**Angela**

Os Senhores confundem-me com tão lisongeiras amabilidades.

**Renato**

E' verdade, D. Angela, onde está o Oscar? Já percorri diversas salas e ainda não tive o prazer de cumprimental-o. Dar-se-á caso que esteja ainda a fazer a sua *toilette*?

**Angela**

Não, Senhor Renato, Oscar sahiu.

**Todos**

Sahiu !.....

**Angela**

Sim, para um chamado de urgencia, mas não deve demorar. Posso contar com a indulgencia dos illustres cavalheiros para essa pequena falta?

**Commendador**

Sahir n'uma noite destas é um crime para o qual não ha absolvição possível.

**Eduardo**

Com effeito, aêho injustificavel tão insolito procedimento. Onde poderá elle encontrar mais seductores attractivos do que junto á sua carinhosa esposa ?

**Renato**

Não façamos arguições infundadas: Se Oscar aqui não está é que um assumpto muito grave o desviou de seus deveres. Conheço-lhe o character e faço justiça aos seus sentimentos.

**Angela ( a parte )**

Ah! e eu ser obrigada a mentir. Ter a tranquillidade na face quando sinto uma tempestade convulsionar-me o coração. (*alto*) Meus Senhores, façamos abstracção do Oscar. Diga-nos, Sr. Commendador, o que viu de novo pela Europa? Divertiu-se muito?

**Commendador**

Ah! minha Senhora, não perdi tempo nem dinheiro. Aproveitei tanto quanto me permittiam os meus 40 annos. Venho farto de distrações de todo genero. Theatros, bailes, passeios, jantares, picnics, foi um verdadeiro delirio de prazeres, uma tempestade de divertimentos.

**Eduardo**

O Sr. Commendador é um *touriste* de primeira força. Gasta como um nababo e gosa como o sul-

tão da Turquia. Ninguem se despoja mais vantajosamente de seus capitaes.

**Commendador**

Ora, meu caro, se tem inveja, faça o mesmo.

**Angela**

E ainda se conserva solteiro, Sr. Commendador! Por tantos logares por onde andou não encontrou uns laços que lhe prendessem os pulsos no adoravel *pelourinho* do matrimonio?

**Commendador**

Não, minha Senhora. Não me foi possível encontrar no velho continente um typo que realizasse o meu idéal, que correspondesse ás minhas aspirações.

**Angela**

E' tão exigente assim, Sr. Commendador?

**Commendador**

Olhe, as inglezas são muito frias, as francezas muito voluveis, as hespanholas muito levianas, as alemães muito pretenciosas, as hollandezas muito egoistas e as portuguezas muito ciumentas; de sorte que voltei com o coração completamente virgem, como as andorinhas e puro como o perfume das magnolias.

**Renato**

E' verdade, o nosso amigo é assim uma especie de beija-flor social ou de cupido moderno. Liba o nectar de todas as rosas com a mesma facilidade com que arremessa aos corações as suas irresistiveis settas. E' um conquistador terrivel.

**Commendador**

Ora, meu caro, o senhor está me collocando n'uma posição difficil. Não creia, minha Senhora, o Sr. Renato exaggera. Eu sou apenas um admirador sincero do bello sexo.

**Eduardo**

Com especialidade das chinezas.

**Commendador**

Sim; sempre são mais accitaveis do que as *Azeitonas* de Moçambique.

**Angela**

E como vai com as musas? Esta viagem devia ter-lhe afinado a imaginação e offerecido magnificos ensejos de expandir o seu brilhante talento poetico.

**Commendador**

Ah! este é o meu fraco. O parnaso é o templo onde ajoelho constantemente para resar a jaçula-

toria das rimas, e creio até que fui baptisado com as famosas aguas da fonte de Hypocrene. A poesia para mim não é uma simples distracção, é uma necessidade palpitante, faz parte da minha existencia, vive no meu sangue, alimenta-me, tonifica-me, rejuvenece-me. No dia em que não faço um verso, creia-me, fico doente.

**Eduardo**

E até admira como não tenha cumprimentado a V. Exc. em verso.

**Commendador**

E duvida que o faça ?

**Eduardo**

Um improviso ! E seria para nós o melhor en-  
sejo de avaliarmos a grandeza de seu estro.

**Commendador**

Dá licença, minha Senhora ?

**Angela**

Pois não, Senhor Commendador.

**Commendador**

( *Empertiga-se, tempera a garganta, bate na testa  
e recita* ) :

Eu que preso a virtude immaculada  
Da soberana d'essa augusta festa,  
Venho cantar na lyra sublimada (*pausa*) sublimada...

**Eduardo**

Engasgou-se com a lyra ?

**Commendador**

( *Com emphase* ) Das almas grandes a nobreza é esta...

**Todos**

Bravos ! muito bem !

**Eduardo**

O Sr. Commendador é um portento, um assombro, um rival de Castro Alves, Fagundes Varella, Casemiro de Abreu, Gonçalves Dias, Olavo Billac, Raymundo Correia...

**Renato**

Chega, chega, Sr. Eduardo. Não é preciso evocar todo parnaso brasileiro para glorificar o merito do Sr. Commendador, que pode ser victima de alguma apoplexia poetica.

**Commendador**

Minha Senhora, queira desculpar se offendi a sua modestia.

**Angela**

Pelo contrario, sinto-me até bastante lisongeada.

**Commendador**

Eu queria mostrar simplesmente ao Sr. Eduardo que, apesar dos meus 40 annos, ainda tenho a imaginação vigorosa e ardente e que não me rendo a qualquer fabricante de farças e waudevilles.

**Angela**

A proposito : Que acolhimento teve a sua ultima peça dramatica, Sr. Eduardo ?

**Eduardo**

Não agradou. Foi um completo insuccesso. A nossa sociedade não tem um cultivo necessario para aceitar sem escrupulos certas theorias que vão ferir de perto as susceptibilidades monasticas da burguesia empanturrada.

**Renato**

Ora, meu amigo, e porque não havia de cahir? A these que o Sr. defendia era bastante escabrosa para que passasse sem um protesto energico. A doutrina do amor livre é o mais perigoso de todos os attentados.

**Eduardo**

E o amor obrigatorio está por ventura de accordo com as leis da natureza ?

**Renato**

Se o homem tivesse de obdecer exclusivamente

ao influxo das leis naturaes, a sociedade não passaria de um congresso de feras. A moral era um absurdo e a consciencia uma ficção.

**Eduardo**

Platonismo exaggerado, escrupulos de convenção, que não se compadem com as nossas necessidades e que sacrificam os principios da evolução physiologica aos preconceitos estultos de uma metaphysica doentia.

**Commendador**

Meus Senhores, esta discussão é extemporanea e inconsequente. E' preciso attender que estamos em presença de uma Senhora.

**Eduardo**

Minha Senhora, queira perdoar esta digressão.

**Renato**

Tem a palavra o Sr. Commendador.

**Commendador**

As suas ordens. Não tem mais do que interrogar.

**Angela**

Diga-nos : de que paiz da Europa gostou mais ?

**Commendador**

Da França, minha Senhora. Não ha nada que

se compare á grande patria do immortal cantor da Legenda dos Seculos. Paris! Paris é um mundo encantado, um paraíso de delicias, de bom gosto e sobre tudo de elegancia. Ora, tenham a bondade de reparar para este facto. Haverá em todo Brasil um alfaiate capaz de talhar uma roupa como esta?

### **Angela**

Com effeito, n'este assumpto não podemos competir com os centros civilizados do grande mundo.

### **Commendador**

Neste só, não, minha Senhora, em tudo. N'este infeliz paiz não ha iniciativa, não ha estímulo, não ha gosto, não ha patriotismo, não ha nada absolutamente. Não se trabalha, não se estuda, não se explora, não se trata nada a sério. A lavoura paralisada, a industria morta, o commercio asphixiado, as artes mendigando, a sciencia em leilão, a prohibidade e o credito em completa bancarrota. Vive-se n'um atraso lamentavel, n'uma decadencia vergonhosa. A republica desmoronou a nação.

### **Renato**

Como brasileiro protesto, como republicano repillo.

### **Eduardo**

Felizmente escapou o Sr. Commendador para contar a historia.

**Commendador**

Com que então parece que os nobres amigos azedaram-se um pouco com as verdades que acabei de proferir?

**Renato**

Allusões despeitosas não são artigos de fé, e eu desejava que o Sr. me explicasse porque razão a Republica tinha sacrificado a nação.

**Commendador**

Porque? Porque elevou os pigmeus; engrandeceu os nullos e encheu a pança dos especuladores.

**Eduardo**

Bem se vê que o Snr. Commendador é cioso de suas prerogativas e tem saudades do antigo regimen.

**Renato**

Engana-se. Uma republica que teve um propagandista intemerato como Silva Jardim, um apostolo immaculado como Benjamin Constant; um deffensor sincero como Floriano Peixoto não póde merecer os qualificativos com que o Sr. acaba de apostrophal-a.

**Commendador**

E que beneficio nos tem trazido a sua Republica?

**Renato**

Se V. Exc. não os conhece é porque os observa através de sua commenda de fidalgo. (*Toca uma walsa*).

**Eduardo**

Tregoa a politica, meus senhores. Aproveitemos aquella walsa que está deliciosa. (*para Angela*)  
V. Exc. concede-me a honra de seu braço ?

**Angela**

(*A parte*) Que sacrificio, meu Deus ! (*alto*)  
Pois não, Senhor Eduardo.

**Commendador**

Queira desculpar, meu carò amigo, esta pequena desintelligencia que de modo algum deve influir sobre nossas relações pessoaes.

**Renato**

De certo; as nossas idéas podem ser antagonicas, mas as nossas relações perfeitamente amistosas.

**Commendador**

De accordo, de accordo. Agora dê-me licença. Em se tratando de uma walsa, rendo-me á descripção com armas e bagagens.

**Renato**

Divirta-se, Sr. Commendador.

**Commendador**

E o Sr. não dança?

**Renato**

Não ; fico a ler os jornaes da tarde e a fumar um charuto.

**Commendador**

Pois, meu caro, eu ainda estou muito moço para renunciar a esses deliciosos devaneios. Com licença (*sahe*).

SCENA 9.<sup>a</sup>**Renato (só)**

Vejo na frente de D. Angela os prenuncios ameaçadores de uma explosão tremenda. Mas o que significa esta ausencia de Oscar? Elle adora sua mulher e só um motivo poderoso seria capaz de obrigar-o a praticar um acto de descortezia. Aguardemos o seu regresso. Estou perfeitamente convencido da irreprehensibilidade de seu procedimento. Sua esposa é que não aceitará facilmente a sua justificativa. Pobre senhora! Seu affecto é igual aos seus zêlos. Sofre da nevrose da duvida, mina-lhe a existencia o terrivel microbio da desconfiança.

SCENA 10.<sup>a</sup>

*O mesmo e Angela*

**Angela**

Oh! E' de mais este supplicio!

**Renato**

Que tem, D. Angela, sente-se indisposta?

**Angela**

Ah! é o Sr.? Ainda bem que encontro um peito amigo onde possa depositar as minhas magoas. O Sr. não avalia como sou infeliz!

**Renato**

Se minha dedicação e a minha lealdade lhe podem ser uteis, disponha d'ellas como lhe aprouver.

**Angela**

Diga-me, Sr. Renato, não acha que o procedimento de seu amigo é indigno e revoltante?

**Renato**

E' sempre perigoso julgarmos pelas apparencias. Os juizos precipitados conduzem quasi sempre a erros desastrosos.

**Angela**

Acha então que pode haver uma attenuante para tão requintado ultrage?

**Renato**

Attenuante só, não; justificação completa. Oscar é a incarnação da honra e a honra não verga!

**Angela**

Mas.....

**Renato**

Oscar tem a invergadura dos Gracchos, a immaculabilidade dos Epaminondas e a austeridade dos Catões.

**Angela**

Ah! se eu pudesse acreditar-o! Se tivesse o meu espirito fortalecido por esta certeza! Se pudesse afastar de meus sentidos esta preocupação que me aniquilla, este abutre que me dilacera a alma, este veneno acerbo que corrompe a vida, quanto eu seria ditosa!

**Renato**

E quem a impede de fazel-o?

**Angela**

A fatalidade!

**Renato**

E' preciso, D. Angela, alienar de seu espirito este sentimento bastardo que enche de nuvens caliginosas o placido horisonte de seu futuro. Colloque-se acima d'esta fraqueza, não se deixe empolgar por este polvo que traz a anarchia da familia e produz as tragedias luctuosas do lar.

**Angela**

Creia-me que tenho luctado, que tenho reagido com todas as minhas forças, mas acabo sempre

aniquillada e descrente. Quando, ás vezes, supponho que o triumpho me sorri, que o anjo da paz desce das regiões illuminadas da felicidade para abrigar-me sob o pallio caricioso de suas azas de arminho, ouço dentro em mim a gargalhada sinistra de um demonio que me escarnece e atira-me ás faces estas palavras sarcasticas: como tu és credule e como elle te engana! Oh! então, esqueço tudo. O meu amor proprio ferido revolta-se n'uma ancia de vingança e eu amaldição o homem por quem daria sorrindo a ultima gotta de meu sangue!

### **Renato**

Quer ouvir a minha opinião sobre este assumpto? Quando a suspeita invade os dominios do espirito, quando a confiança naufraga nos escolhos da duvida, quando a mulher sente-se ferida n'aquillo que tem de mais sagrado, quando sua tranquillidade vacilla, quando o edificio de sua felicidade estremece sob a vergasta desenfreada da fatalidade, a mulher só tem dous partidos a tomar: ou a resignação dos fracos ou o desprezo dos fortes. No primeiro caso a mulher assignala-se pelo heroismo do martyrio, no segundo immortalisa-se pela bravura da dignidade.

### **Angela**

Então a mulher não tem o direito de queixar-se, de expandir as suas magoas, de protestar contra as brutalidades de seu algoz, de abrir as valvulas de sua indignação, de dizer emfim ao homem que a insulta, que a degrada: tu és um cobarde, por que te prevaleces da supremacia do sexo? ...

**Renato**

Não; o papel da mulher é mais nobre e mais elevado. Ou deve ser a victima resignada ou o juiz implacavel; nunca, porem, a comediante espectacular exhibindo-se em ademanes grotescos, em linguagem de alcouce: Ou sóbe até a indiferença para ser sublime, ou desce até o perdão para ser divina.

**Angela**

E o escarneo da sociedade e o sarcasmo do publico?

**Renato**

O habito dos vermes não macula a pureza dos lýrios; o monstro que desce não pode enxovalhar o anjo que sobe.

**Angela**

Está muito direito!... Insultam a nossa frágua, dilaceram o nosso coração, calcam aos pés os nossos sentimentos, escarnecem do nosso pudor, zombam de nossa ingenuidade, abusam de nosso affecto, assassinam a nossa felicidade, e a mulher que soffra, e a mulher que cale. Oh! é de mais!...

**Renato**

E o que lucra a mulher com estes protestos dramaticos, com estas crises violentas, com estas encenações tempestuosas e ridiculas?

**Angela**

Tem razão; o senhor é homem, tem obrigação de defender o seu sexo. Todos os deveres para um, todas as regalias para outro. Ella de rastos, elle de pé. Singular equidade! Extravagante equilibrio! Irrisoria justiça! . . .

**Renato**

Os defeitos do homem não podem reflectir sobre a virtude da mulher, mas as faltas da mulher reflectem sobre a dignidade do homem.

**Angela**

Quando dois corações commungam simultaneamente na mesa da confiança a hostia immaculada dos affectos, o golpe que fere a um faz sangrar igualmente a outro.

**Renato**

Engana-se, minha senhora. A flôr que sobre-nada á superficie não pode ser attingida pelo lôdo que se deposita no fundo do charco.

**Angela**

Isto é converter simplesmente a mulher n'uma estatua, sem um cerebro que pense, sem um coração que pulse, sem uma alma que sinta, sem nervos, sem sangue, sem autonomia, sem vida. E' reduzil-a ao insignificante papel de uma machina incon-

sciente, sem estímulos, sem energias, sem critério, incapaz de uma idéa grandiosa, simples laboratório de que a natureza se utiliza para fabricar os seus productos. E' transformal-a n'uma escrava despresível, quando devia ser a companheira inviolavel.

**Renato**

Compreendeu-me mal, D. Angela. Eu não aceito nem admitto a supremacia do sexo no que diz respeito aos deveres conjugaes. Quero a igualdade completa, o respeito reciproco, a confiança simultanea, a fidelidade mutua, a garantia dos affectos, o isochronismo dos sentimentos. Quero a força amparando a virtude e a virtude santificando a força; quero o talento osculando a fé e a fé aureolando o talento, quero emfim uma estatua para o homem e um altar para a mulher !

**Angela**

Todos os direitos, portanto ...

**Renato**

Perdão; menos um.

**Angela**

Qual ?

**Renato**

O de imital-o na sua queda. O homem que cahere fere-se, mas a mulher que tomba suicida-se.  
(*Tóca uma quadriha*).



**Angela**

Desculpe-me; o dever me reclama em outra parte.

**Renato**

Está convencida?

**Angela**

Farei por isso.

**Renato**

Vá, minha Senhora. Seja forte e será digna.

## SCENA II

*Renato e o Commendador*

**Commendador**

Oh! Senhor; é a primeira vez que semelhante desastre me acontece! Estou no ultimo dente. Isto não se faz a ninguem!

**Renato**

Que lhe succedeu, Sr. Commendador? Parece que vem desapontado?

**Commendador**

E o caso não é para menos, meu caro. Avalie se tenho ou não razão de estar contrariado: Desde hontem me tinha comprometido com a D. Candinha para a segunda walsa. Chega a hora

toca a musica, procuro a dama e oh! surpresa! Encontro-a de braço com um janotinha de pince-nez e bigodinhos retorcidos. Uma *taboca!* Uma *taboca!* Eu que durante toda a minha vida não levei se quer um taquari! Mas eu me vingo, eu me vinggo! Hei de mostrar a Sra. D. Candinha que não se zomba impunemente assim de meus 40 annos.

**Renato**

Enguliu 20 e não lhe encontrou espinha.

**Commendador**

Que diz a isso, Sr. Renato ?

**Renato**

Acho natural que os moços dancem com as moças e os velhos... com as velhas.

**Commendador**

Mas eu ainda estou bem conservado.

**Renato**

Não digo menos d'isso. Mas se o Sr. tivesse procurado uma senhora tambem conservada estava livre de soffrer agora esta decepção.

**Commendador**

Com effeito. Acho que o Sr. não deixa de ter

a sua razão. E' bem certo o adagio: quem se mette com crianças... E a proposito: o amigo não tem relações muito particulares com o Oscar?

**Renato**

Somos amigos de infancia, quasi irmãos. A educação e a fortuna avultada que hoje possuo devo-a em parte ao pae de Oscar a quem o meu me confiou ainda creança, nos ultimos momentos de sua vida.

**Commendador**

Ah! o Sr. Barão de Oliveira, o pae do Dr. Oscar, foi um dos negociantes mais honestos e escrupulosos da nossa praça.

**Renato**

E legou ao filho estas raras qualidades. Com receio de que interpretem mal os sentimentos, Oscar leva a sua susceptibilidade a ponto de preferir occupar um estranho a utilizar-se do que possuo.

**Commendador**

Pois o amigo é quem me podia prestar um grande favor.

**Renato**

Se estiver a meu alcance.....

**Commendador**

Aqui aonde me vê não sou um cidadão ainda bem apresentavel ?

**Renato**

De facto; tenho visto outros em mais desfavoraveis condições.

**Commendador**

E a Exm. Sra. D. Januaria, a mãe do Dr. Oscar, não é uma viuvinha ainda muito frescalhona ?

**Renato**

Sim !... mas, não percebo bem.

**Commendador**

Pois mais claro não pode ser.

**Renato**

Explique-se; está um tanto nebuloso.

**Commendador**

Eu sou Commendador, ella é baroneza, casamo-nos, fica uma cousa pela outra.

**Renato**

E que papel represento eu ?

**Commendador**

O amigo será o diplomata que tem de resolver esta magna questão conjugal.

**Renato**

Prescindo da honra; faltam-me credenciaes.

**Commendador**

Não quer ?

**Renato**

A empresa é muito melindrosa e eu sou um detestavel advogado.

**Commendador**

N'este caso tenho de enforçar a minha pretensão e pregar em outra freguesia.

**Renato**

Como entender.

**Commendador**

Está feito: dou um tiro na ideia do matrimonio e vou vingar me da D. Candinha comendo duas duzias de pasteis de nata. *Au revoir.* ( *Sahe* )

**Renato**

Bem destructavel, mas um optimo coração este Commendador. ( *Vendo o relógio* ) Dez horas ; é tem-

po de retirar-me. Vou fazer as minhas despedidas a dona da casa. (*Sahe*)

SCENA 12

*André (só)*

Safa! Que terrivel cacetada! São quasi duas horas da manhã e só agora é que os senhores janotas se lembraram de levantar acampamento. Também comeu-se e bebeu-se a tripa fôrra. E que copo valente é o Sr. Eduardo! Só de cerveja emborecou 12 garrafas. E o tal commendador? Que par de queixos respeitavel! Devorou 2 duzias de pasteis de nata enquanto o diabo esfrega o olho. (*tombando*) Ora bolas, parece que eu entrei de mais pelo cognac: estou assim um tanto inglez. Nada, nada, vou enterrar-me na cama e quem quizer negocios com o Sr. André procure-me das 11 em deante. (*Sahe*)

SCENA 13

*Angela (só)*

Eis-me completamente só, eu e a minha vergonha.

SCENA 14

*Angela e Oscar*

*Oscar*

Angela, minha querida Angela, desculpa, perdôa essa demora involuntaria. Ah! tu não avalias quanto me doeu essa ausencia!

**Angela**

Não me toque, Senhor ; o seu contacto macula. O Senhor tem lama onde os outros costumam ter sangue.

**Oscar**

Que tens? O que é isto? E' d'esta forma, então, que me recibes?

**Angela**

Já estou cansada de assistir comedias. A sua hypocrisia causa-me asco.

**Oscar**

Por Deus, explica-te : que te fiz eu para que me trates d'esta maneira?

**Angela**

E ainda tem coragem para pergunta-lo? Mire-se no espelho de sua consciencia.

**Oscar**

De nada me accusa. Está completamente tranquilla e pura.

**Angela**

Sim; como devem ser as rosas de uma florista.

**Oscar**

Escusa-te de fazeres allusões malevolas. Um dever indeclinavel . . . . .

**Angela**

Não continue. Estas justificações já estão muito exploradas. A sua profissão não é responsável pelos seus desvarios.

**Oscar**

Julgas então.....

**Angela**

Que o Senhor não passa de um trahidor e um trahidor sem brios!

**Oscar**

Acalma-te, Angela. Não sejas injusta. Bem sabes que até hoje tenho sido o mais devotado dos esposos.

**Angela**

Mente!

**Oscar**

E a prova é que trouxe-te este brinde, como uma recordação inextinguível do dia de hoje. E' um objecto sagrado, uma joia de familia, uma medalha de minha mãe, que deves prezar, menos pelo seu valor intrinseco do que pela sua procedencia. [*Dá a Angela uma caixa*].

**Angela**

(*Recebe e atira ao chão a caixa*) Infame!

**Oscar**

Senhora!



**Angela**

Calculou mal. Eu não vendo a minha dignidade por um adereço de brilhante.

**Oscar**

E' porque o objecto que se deseja comprar não está talvez na altura da nobreza d'esta moeda.

**Angela**

Insulta-me? além de grosseiro é covarde, (*Com impeto*) mil vezes covarde.

**Oscar**

Silencio, senhora; respeite ao menos a innocencia da filha, já que não sabe respeitar os sentimentos do pae. Sabe o que acaba de praticar ?

**Angela**

O que competia a uma esposa ultrajada.—Repellir uma affronta e castigar uma villania !

**Oscar**

Engana-se : a senhora fez mais ainda. Despedaçou o coração de uma mãe na presença de seu proprio filho.

**Angela**

Esta evocação sagrada é uma profanação re-

voltante. Respeite o tumulto, já que não sabe respeitar a sua posição.

**Oscar**

E depois d'este acto só me resta . . . .

**Angela**

Bater-me? Não duvido que o faça.

**Oscar**

A separação. Somos absolutamente incompatíveis.

**Angela**

Faça o que entender. Póde chamar o juiz quando lhe convier para fazer a partilha dos bens.

**Oscar**

Regeito a esmola. V. Exa. entrou rica n'esta casa, e rica n'ella ha de ficar; eu porem, entrei pobre e pobre desejo sahir. O meu patrimonio é o meu titulo e a minha honra. [*Vai ao pé do berço, ajoelha, contempla a filha, beija-a commovido e levanta-se*].

**Angela**

Oh! meu Deus; será possivel que este homem seja um infame? Virgem purissima, porque não illuminaes a minha razão? Porque deixaes-me soffrer esta tortura cruciante?

**Oscar**

Senhora, está terminada a minha missão n'esta casa. Se não a desempenhei com gloria, fortalece-me ao menos o consolo de tel-a desempenhado com honra.

**Angela**

Abandona-me?

**Oscar**

Deixo-a amparada pela innocencia.

**Angela**

Odeia-me, então?

**Oscar**

Não; um pai não tem o direito de odiar a mãe de seus filhos.

**Angela**

E que hei de responder a esta criança quando perguntar pelo auctor de seus dias?

: **Oscar**

(*Muito commovido e vacillante*) Diga-lhe... diga-lhe que seu pae morreu . . .

**Angela**

Oh! é horrivel!

**Oscar**

Não é a minha severidade que a sacrifica, é o seu desvario que a condemna.

**Angela**

E nunca mais a verá?

**Oscar**

Sim; quando um dia o egoismo da mulher for suplantado pela confiança da esposa. (*Sahe*).

**Angela**

(*Afflicta*) Está tudo terminado! Filha, filha de minha alma, pobre desventurada que já não tem mais pae. (*Cahe soluçando debruçada sobre o berço da filha*).

**Renato**

Mas que ainda possui um anjo para amal-a e um amigo para defendel-a.



## ACTO II

*Sala de espera em casa de D. Angela. Portas ao fundo que deitam para rua; portas á direita que communicam com o jardim; portas á esquerda que levam ao interior da casa.*

### SCENA 1.<sup>a</sup>

**Angela** só, canta ao piano.

A vida é lago de fataes escolhos  
Onde a descrença desabrocha em flôr;  
Foge a ternura de formosos olhos,  
Só ha verdade no primeiro amor.

Existe em tudo uma ironia ingente,  
Embuste, engano, fingimento e dor;  
A onda é falsa, a consciencia mente,  
Só ha verdade no primeiro amor.

### **Esther**

*(Entra e vem tacteando até junto de Angela, toma-lhe a cabeça entre as mãos e beija-lhe a frente).*  
Mamãe, minha bôa mamãe !

**Angela**

Ah! és tu, minha querida Esther? Como te achas?  
Melhor?

**Esther**

Estou completamente restabelecida. A nevrálgia passou de todo. Sinto-me bem disposta, mas estou zangada, muito zangada com a senhora.

**Angela**

Commigo, meu anjo? E porque? Que crime commetti eu para que provocasse o teu resentimento?

**Esther**

Uma falta muito grande.

**Angela**

Meu Deus, assustas-me.

**Esther**

Deixou de cumprir a sua palavra.

**Angela**

Como? Que queres dizer?

**Esther**

Ainda continúa a cantar esta musica que tanto a commove e faz chorar.

**Angela**

E como sabes que eu choro, quando, infelizmente, estás privada de ver as minhas lagrimas?

**Esther**

Não se encherça somente pelos olhos, advinha-se também pelo coração. Olha, quando cantas esta musica, tua voz treme como se proferisse uma queixa. Parece-me um adeus, uma despedida, um lamento de quem soffre.

**Angela**

Está bom ; não te contraries por isso. Prometto-te que será esta a ultima vez que me a ouvirás cantar.

**Esther**

Porque não cantas antes aquella outra que falla dos astros, das flores e dos passarinhos? E' tão bonita, não é?

**Angela**

Sim ; de hoje em diante para que a minha flhinha fique satisfeita com sua mamã, só cantarei a balata dos astros, das flores e dos passarinhos.

**Esther**

Ah! Como és bôa e como eu te amo! Duvido que haja no mundo quem tenha uma mãe mais bella e mais carinhosa do que eu.

**Angela**

Cavillosa !

**Esther**

Sabes? Tive hontem um sonho muito lindo.

**Angela**

E o que sonhaste, minha querida flor?

**Esther**

Sonhei que meu pae não tinha morrido. Que havia chegado de um paiz muito distante e muito rico e que me trazia um presente muito bonito. Vinha vestido como o Anjo da Guarda! Os seus olhos eram duas estrellas, os cabellos pareciam um manto de ouro. A roupa era toda de alvo. Sorria-me com doçura e beijava-me freneticamente. De repente abriu uma caixinha de velludo que trazia junto ao coração, tirou uma medalha despedaçada, beijou-a, apertou-a de encontro ao seio e entregou-me, dizendo: Vês, minha filha, esta medalha? Pois bem; no dia em que ella estiver perfeita tua mãe será feliz. (*Angela soluça*) Mas, que tem, mamãe, incommodou-te, por ventura o meu sonho?

**Angela**

Não incommodou-me, filha, mas commoveu-me bastante. Continúa.

**Esther**

Ia com a maior anciedade e o mais intimo con-

tentamento receber a prenda quando a visão desvaneceu-se e eu despertei. Os passarinhos cantavam alegremente, e sobre meu collo encontrei desfolhada uma delicada flor que reconheci ser uma saudade.

**Angela** (*A parte*)

Oh! meu Deus! que singular coincidência!

**Esther**

Faz muito tempo que o papá morreu?

**Angela**

Fazem... 12 annos.

**Esther**

Como eu desejava ter um pae!

**Angela**

(*A parte*) Que supplicio, meu Deus!

**Esther**

Agora é que reparo que o Snr. Renato ainda não appareceu!

**Angela**

Não deve tardar.

**Esther**

Trará as flores novas que me prometteu?

**Angela**

E' de crer que sim. O seu maior empenho é satisfazer a todas as tuas phantasias. As vezes chego a ter ciumes d'esta amizade tão extremosa.

**Esther**

Não diga isso, mamãe. Estimo muito o Snr. Renato, mas tu estás em primeiro lugar.

**Angela**

Não queres hoje dar o teu passeio no jardim?

**Esther**

Não é melhor esperarmos pelo Snr. Renato?

**Angela**

Como quizeres. N'este caso não convem que estejas assim de pé, vamos para o sofá repousar um pouco.

SCENA 2.<sup>a</sup>

*As mesmas e Renato*

**Renato**

Prescindo das formalidades e vou entrando. Como passaram de hontem para cá?

**Angela**

A nossa querida Esther esteve um pouco indisposta, mas felizmente já se acha completamente restabelecida.

**Renato**

Esteve, então, doente e não me mandou prevenir?

**Esther**

Não foi cousa que inspirasse cuidado. Uma pequena nevralgia que cedeu com duas doses de phenacetina.

**Renato**

Antes assim.

**Esther**

E o Snr. Renato está bom? Lembrou-se do que me prometeu? Trouxe as minhas flores?

**Renato**

Eil-as. Não me perdoaria se commettesse o grave delicto de esquecel-as. (Entrega as flores.)

**Esther**

(*Apalpa e aspira as flores*) Oh! devem ser muito bonitas!

**Renato**

Porque razão?

**Esther**

Porque o Snr. Renato não me podia trazer flores feias.

**Renato**

E' a logica do affecto, o raciocinio da innocencia. A intuicao d'alma substituindo os attributos dos sentidos.

**Esther**

Como se chamam?

**Renato**

*Forget me not.* E' um nome inglez.

**Esther**

E o que significa?

**Renato**

Não te esqueças de mim.

**Angela**

Bem vês que o Snr. Renato até nas flores que escolhe procura dar-nos uma prova de sua extrema delicadeza e sincera amisade.

**Renato**

Preso esta amisade tanto mais quanto a considero um deposito sagrado, um legado inextimavel. Mas mudando de assumpto: venho dar-lhe conta da commissão de que hontem me incumbiu.



**Angela**

E então? O que conseguiu? Fallou com o doutor?

**Renato**

O Dr. Pereira dos Santos seguiu hontem para o sul.

**Angela**

Oh, meu Deus! E a operação de minha filha?

**Renato**

Não se afflija. Encontrei um medico notavel, distincto, celebre mesmo pelo seu talento e digno a toda prova pelo seu character, que se compromette a restituir a vista á nossa querida menina sem a maior difficuldade e no mais breve tempo.

**Angela**

Mas esse medico não conhece o mal de minha filha, nunca o tratou, nunca examinou-a.

**Renato**

Não importa; assevero-lhe que a senhora nada tem a perder com a substituição. O medico de que lhe fallo dispõe de todos os requisitos indispensaveis para levar a effeito uma empresa desta ordem. Depende unicamente de sua vontade.

**Angela**

Oh! que não fará uma mãe para que sua filha recupere a luz de seus olhos!

**Esther**

Será possível que ainda possa ver o rosto querido de minha adorada mamã, contemplar as minhas flores, saudar os meus passarinhos, fitar os raios da lua, extasiar-me diante de todas essas bellezas da criação, de todos esses esplendores da natureza? Não estarei por ventura condemnada a viver mergulhada n'esta noite eterna? Não será isso um sonho, uma illusão?

**Renato**

Nem uma nem outra cousa. Hoje mesmo, se não houver embaraços póde ficar livre d'este martyrio.

**Angela**

E tem confiança no resultado?

**Renato**

Como a senhora tem na amisade que lhe consagro.

**Angela**

Não será uma imprudencia expôr minha filha às eventualidades de uma operação duvidosa?

**Renato**

Responsabiliso-me pelas consequencias. O assumpto é bastante grave para que possa compromettel-o por uma simples leviandade.

**Angela**

E quem é esse medico que se propõe a fazer tão valioso e espontaneo beneficio?

**Renato**

Por em quanto é um segredo. Permitta guardar o incognito. Os beneficios feitos á sombra são mais meritorios do que a caridade ostensiva e preconisada.

**Angela**

Respeito o sigillo e não lhe interrogo que rasões tem para assim proceder, perfeitamente convenida que tudo ha de fazer para zelar os nossos interesses

**Renato**

Então acceita?

**Angela**

Approvo, e Esther decidirá.

**Esther**

A palavra do Sr Renato é a mais segura das garantias.

**Renato**

Hypotheco o que tenho de mais sagradó, a minha honra, se ella fôr necessaria para amparar a minha asserção.

**Angela**

Não exijo tanto. Seria uma injustiça.

**Renato**

Obrigado. Agora falta determinarmos o dia.

**Angela**

A minha anciedade é tão grande que não desejava que houvesse a minima demora.

**Renato**

Neste caso não vejo motivo para protellarmos. Será hoje mesmo. O medico está prompto a qualquer hora.

**Angela**

Póde desde já dar suas providencias.

**Renato**

Ainda é cedo. Temos tempo de dar o nesso passeio pelo jardim. Um pouco de ar puro e alguns raios do sol da manhã hão de fazer bem a D. Esther e predispol-a favoravelmente para o trabalho operatorio (*Sahem*).

## SCENA 3ª

**Antonio** (*só*).

Que diabo! pensei que hoje não me deixavam o campo livre. O tal estafermo quando se agarra na prosa é peor do que carrapato em peçoço de cachorro. Agora vamos ver aonde está a tal photographia, provavelmente deve haver alguma aqui n'este album. O sr. Eduardo prometteu-me 20\$000 para eu arranjar-lhe o frontispicio da patroa. Sei que não é lá muito decente o que vou fazer, mas os tempos andam bichudos, e os capitaes andam muito vasqueiros. Mãos a obra, seu Thomaz, olho vivo, pé ligeiro e vamos ver Deus por quem é. (*Abre o album e folhea-o*) Cá está



elle (*tira a photographia*) Com effeito a patrôa é um peixão! e o canalha do sr. Eduardo não tem mau gôsto. Eu por mim era muito capaz de dar 3 mezes de ordenado só para ter o prazer de dar uma beijoca n'estas faces de setim. Embora levasse 90 dias de jejum.—Mais valê um gosto do que duas patacas. Mas, deixemo-nos de *conversa fiada* e tratemos de levar esta prenda ao seu respectivo destino. Estou ancioso por morder estes 20 *fachos* (*sahe*)

SCENA 4<sup>a</sup>**Angela** (*só*)

Oh! o destino ainda não cançou de perseguir-me. Perdi meu marido, minha filha está cega e agora veio ainda mais este sonho trazer-me uma nova tortura ao coração. Ainda tenho bem vivos, bem impressos no meu espirito os acontecimentos d'aquella noite fatal.

Será isso remorso? Teria razão para fazer o que fiz? Teria o direito de sacrificar a minha filha aos estímulos do meu egoísmo? Seria criminosa collocando a dignidade de esposa á cima dos affectos maternas? Ah! como é cruel a duvida!

SCENA 5<sup>a</sup>*A mesma, o Commendador Pacheco e Renato.***Commendador**

Dá licença, minha Senhora?

**Angela**

Ah! é o Sr. Commendador? Vá entrando sem cerimonia.

**Commendador**

Como passa V. Exa. e sua gentilissima filha?

**Angela**

Soffrivelmente. Então já de volta do Rio de Janeiro?

**Commendador**

E' verdade, minha Senhora. Apenas conclui os meus negocios tratei de regressar immediatamente. O Rio de Janeiro presentemente está inhabitavel.

**Angela**

Como assim? O que ha de novo, então, pelo Rio?

**Commendador**

O que ha de novo? Um phenomeno prodigioso, uma raridade que leva de vencida todas quantas têm apparecido n'este seculo de maravilhas. E' uma extravagancia, uma exquezitice, mas é a verdade.

**Renato**

Oh! meu caro commendador, seja bem vindo aos patrios lares.

**Commendador**

Sympathico amigo, venha de lá um estreitissimo amplexo (*abraçam-se.*)

**Angela**

E que raridade é esta de tanta monta?

**Renato**

Sim; ouvi-o fallar n'um phenomeno prodigioso. De que se trata? Teria o Sr. Commendador descoberto a 8.<sup>a</sup> maravilha do mundo?

**Commendador**

Pouco menos, pouco menos do que isso. Ora vejam lá se adivinham.

**Renato**

Confesso que me sinto um tanto embaraçado. Sempre fui pessimo decifrador de logogriphos.

**Angela**

Será a operação das scyphopagas?...

**Renato**

A guerra da China?...

**Angela**

A viagem do Sr. Presidente Campos Salles á Republica Argentina?...

**Commendador**

Nem com isso se parece. E' uma cousa estupenda, prodigiosa, que tem feito uma revolução medonha, um cataclismo universal, e onde vêem não se trata mais do que de um animal, de um desprezível, de um miseravel animal.

**Angela e Renato**

Um animal?

**Commendador**

Sim, sim, um animal e que tem isso? Então não ha animaes celebres? O cavallo de Caligula, por exemplo, não foi Consul?

**Renato**

Com certeza trata-se de algum enorme leão das incultas florestas do Atlas.

**Commendador**

Qual, meu charo, está muito longe.

**Renato**

Algum tigre da India?

**Commendador**

P'ra cima.

**Renato**

Uma giboia do Amazonas?

**Commendador**

Vá subindo.

**Renato**

Um crocodillo do Ganges!

**Commendador**

Ainda é pouco.

**Angela**

O Sr. está pondo em tortura a nossa curiosidade.



### **Renato**

Já fiz uma exhibição completa de meus conhecimentos zoológicos sem que chegue a um resultado satisfactorio.

### **Commendador**

Uma vez que não podem adivinhar, vou eu dizer-lhes que animal é esse que tem andado nos anaes da fama e que tem dado volta ao miollo de todas as celebridades medicas do velho e novo mundo, um animal ao pé do qual a mais venenosa das serpentes não passa de um inoffensivo mosquito.

### **Renato**

O Sr. Commendador parece que quer divertir-se a nossa custa.

### **Commendador**

Não sou capaz; fallo a verdade e senão vejam: Este animal fabuloso contra o qual é preciso empregar o veneno e o fogo, esse espantalho da medicina moderna, esse inimigo das despensas, assassino dos archivos, monstro dos esgotos. Atila devastador de dentes agudos e pello cinzento, é nada mais nada menos do que um genuino representante da raça dos roedores, o incommensuravel rato.

### **Angela e Renato**

O rato?

### **Commendador**

E' verdade; o rato, o terrivel quadrupede, o ter-

rivel portador, do terrível microbio, da terrível peste bubonica!!

**Angela**

Quasi que nos assombra, o Sr. Commendador!

**Commendador**

E o caso não é para menos, senhora. Aonde está o rato está o perigo.

**Renato**

E o Sr. acredita na existencia de semelhante epidemia?

**Commendador**

Eu? Eu duvidar do veredictum de uma tão illustrada corporação, que tem o privilegio de nos despachar desta para melhor sem a minima cerimonia? Nunca, nem por sombra, meu caro. Com taes senhores toda cortezia é pouca.

**Renato**

Pois ha quem affirme que isso não passa de refinada especulação.

**Commendador**

Posso provar-lhe o contrario com documentos authenticos. Olhem, quando sahi do Rio de Janeiro fui submettido a um processo de saneamento que quasi me deixa maluco. Eram pulverisações, fumações, esquentações, abluções, escovações, izolações, e 50 mil explicações que tive mais medo de morrer da cura do que da molestia.



**Angela**  
Que sacrificio!

**Renato**

Acceite as minhas sinceras condolencias.

**Commendador**

E acha, meu nobre amigo, que tudo isso se faz por mera brincadeira, por simples divertimento?

**Renato**

Realmente, se é gracejo, é de muito mau gosto.

**Commendador**

Seja o que for; o que não posso é encarar o tal bichinho de roupa cinzenta sem sentir um arrepio pelo espinhaço.

**Angela**

E' tão medroso assim, Sr. Commendador? Julgava-o mais forte.

**Commendador**

Mêdo? Eu, minha senhora? Por caridade, não me confunda as cousas. O Commendador Paulino Pontes Pindahyba Pacheco nunca soube o que foi medo. E a prova é que durante a revolta fiz um figurão.

**Renato**

Entrou em algum combate?

**Commendador**

Mais ainda do que isso.

**Angela**

Onde estava o Sr. Commendador neste tempo?  
Em qual das fileiras combatia?

**Commendador**

Eu? Eu, minha Senhora, achava-me em Milão  
tomando banhos de alvorada.

**Renato**

Se a revolta tivesse combatentes de seu valor...

**Commendador**

Em dois dias estava liquidada. Dava um abraço  
no Floriano e um beijo no Custodio e ficava resol-  
vida a situação.

**Angela**

Realmente é um optimo systema de decidir  
as mais graves questões.

**Renato**

Economico e original.

**Commendador**

Que quer, meu amigo, eu nasci com a bossa da  
diplomacia.

**Renato**

E porque não aproveitou a sua vocação?

**Commendador**

Fui nomeado, uma vez secretario da legação  
russa, porem não accitei.

**Angela**

Porque?

**Commendador**

Primeiramente por causa dos taes nihilistas, em segundo logar porque embirro solemnemente com a tal lingua do tal povo. Fazem-me mal aos nervos os taes nomes terminados em affs, effs, iffs, offfs. e uffs. (*Vendo o relógio*) Meio dia e eu a cavaquear sem me lembrar que tinha de almoçar com o amigo Feitosa. Concedam-me licença. D. Angela, disponha de um diminuto servo, meus respeitosos cumprimentos a Exa. Sra. D. Esther.

Sr. Renato, espero-o hoje no Pariz para cearmos juntos. Temos uns pasteis de luxo. Adhere?

**Esther**

Pois não, Sr. Commendador, a epocha é de adhesões. (*o Commend. sahe*).

SCENA 6<sup>a</sup>

*Angela e Renato.*

**Angela**

E o que resolveu sobre a operação?

**Renato**

Vou agora mesmo tratar disto.

**Angela**

Vá, meu amigo, e volte breve afim de trazer-me a esperança e o confôrto de que tanto necessito.

**Renato**

Nada pouparei para que os nossos desejos sejam realizados (*sahe*).

## SCENA 7ª

*Angela e Thomaz*

**Thomaz**

Estas cartas e estes jornaes para a Sra. (*entrega um maço de cartas e jornaes*).

**Angela**

Aonde está a menina?

**Thomaz**

No seu quarto para onde o Sr. Renato a conduziu ha pouco.

**Angela**

Bem; (*o criado sahe.*) (*Lendo*) «A Estação»— Já não me interessam as modas—*Ave Maria*, phantasia do Guarany: bellissima composição, mas falta-me gosto e enthusiasmo para executal-a.

«Diario da Bahia» (*Abre com anciedade*). Ha 12 annos que percorro incessantemente estas linhas e sempre o mesmo silencio, sempre o mesmo desengano. Elle não volta e nem siquer lembra-se de que tem uma filha. Ah! que vejo, meu Deus, Oscar na Bahia? Será possível? Não haverá uma illusão de meus sentidos? Como me pulsa desordenado o coração! Será verdade que elle voltará de novo a meus braços? Mas que digo? Sou uma louca, uma

insensata, uma covarde. O que pode haver de commum entre o carrasco e a victima? Serei tão indigna que não possa collocar-me ácima de uma affronta? Serei tão pusilanime que não possa reagir contra esta allucinação vergonhosa? Não sei, não sei o que se passa em mim. Ha em minha imaginação um sonho que me embriaga e uma realidade que me envenena. Sou o joguete inconsciente de duas paixões oppostas, de dous sentimentos que se chocam e que se repellem, a contradicção de mim mesma, o verso e o reverso de uma natureza em ancias. Quero e odeio; desejo e fujo; accuso e absolvo; marchoo e recuo; imploro e desdenho. Meu coração é um campo de batalha onde a sombra do desespero lucha com a alvorada da esperanza. Minha consciencia entõa ao mesmo tempo o hymno da victoria e a nenia dos vencidos. Meus joelhos dobram-se na attitude de uma prece e minha fronte ergue-se no assomo de uma vingança. Sinto-me capaz de todos os sacrificios e de todos os attentados. Oh! esmaga-me essa incerteza, extenua-me esse combate eterno contra o desconhecido. Amaldição aquelle homem e sinto, no entanto, que o adoro com o fanatismo dos crentes, com a vertigem dos allucinados. (*Senta-se abatida*).

SCENA 8ª

*A mesma e Eduardo.*

**Eduardo**

(*Que tem ouvido as ultimas palavras de Angela, ajoelha-se a seus pés*) Oh! minha Senhora, porque de duas almas infelizes não havemos de fazer duas almas venturosas?

**Angela**

(*Indignada*) Senhor, que attitude é esta?

**Eduardo**

A dos crentes perante a divindade.

**Angela**

Quem lhe deu o direito de uzar de semelhante linguagem?

**Eduardo**

A grandeza dos sentimentos que V. Exc. me inspirou.

**Angela**

Esquece de que sou uma senhora casada?

**Eduardo**

E' uma incompatibilidade pouco procedente.

**Angela**

Que sou a mulher de seu amigo?

**Eduardo**

Amisade da qual me julgo completamente desobrigado.

**Angela**

Onde foi buscar tanta ousadia para tão insolita impertinencia?

**Eduardo**

Na sublimidade de seus attractivos, na opulencia de seus encantos, n'este conjuncto de perfeições

que fazem da mulher um anjo e do homem um escravo.

**Angela**

Se não me engano, creio que suas palavras envolvem uma intenção perversa ou um insulto grosseiro.

**Eduardo**

Engana-se, minha senhora. Nova e formosa como é, acreditei que não poderia tolerar indiferentemente esta viuvez forçada, e então...

**Angela**

Saia, saia, imediatamente, se não quer sujeitar-se á humilhação de ver-se enxotado pelos meus lacaios. (*Vae sair. Eduardo a interrompe*).

**Eduardo**

E' sempre de mau effeito fazer com que os nossos criados tomem parte nestes espectaculos domesticos.

**Angela**

Que pretende, então?

**Eduardo**

Attenda-me por alguns instantes. V. Exc. foi ferida n'aquillo que a mulher tem de mais caro e mais elevado. Seu marido trocou as alegrias puras do lar pelos prazeres vertiginosos dos prostibulos. Deixou uma esposa dedicada por uma concubina venal e desprezivel.

**Angela**

Mente! Meu marido é incapaz de uma infamia.

**Eduardo**

E quando o marido tropeça... a mulher tem o direito de escorregar.

**Angela**

Miseravel! Pregue esta doutrina repugnante áquella que lhe pertencer, quando encontrar uma infeliz que não tenha escrupulos em partilhar da baixaza de seus sentimentos.

**Eduardo**

E' muito difficil que isto possa acontecer. Pertença ao numero dos sectarios da grande escola do amor livre. Detesto a todas as cadeias, ainda que ellas sejam do mais fino ouro. O meu idéal resume-se em duas cousas: Gôso completo e liberdade absoluta.

**Angela**

Aonde quer chegar?

**Eduardo**

Olhe, seu marido está incompativel com a senhora, mas eu não estou, e venho offerecer-lhe tudo quanto elle lhe tem negado.

**Angela**

Infame! Insultar uma messalina é uma cobardia, ultrajar uma mulher honesta é uma profana-

ção. Se o cancro tivesse uma alma não seria tão repulsiva como a sua. O Sr. ou está louco ou ebrio!

**Eduardo**

Sim; louco de seus encantos, ebrio de sua beleza. Escute-me, V. Exc. é uma esposa abandonada, eu sou um homem disponível. V. Exc. é formosa, eu sou rico; V. Exc. é jovem, eu sinto aquecer-me as veias o fôgo do enthusiasmo. Nada mais facil, nada mais logico, nada mais naturalmente humano do que a permuta dos nossos affectos:.

**Angela**

Isto é uma punhalada na minha honra e uma bofetada na sociedade! Não lhe escarro nas faces porque não quero macular a minha saliva!

**Eduardo**

Engana-se, minha senhora, a sociedade actual não se preoccupa com estas futilidades. Já passou a epocha das Lucrecias. Posso até asseverar a V. Exc., que estas ligeiras leviandades estão um pouco em moda, dão um certo tom á nossa civilização. A honra é uma mercadoria sem cotação, e entra quasi como uma lettra prescripta no balanço das conveniencias.

**Angela**

Se a sociedade de que falla é bastante corrompida para sancionar esta abjecção, a consciencia é bastante pura para stigmatizar esta infamia. Se ha vermes que rastejam na podridão dos charcos, ha anjos que se elevam ás regiões immaculadas da

castidade. Se ha cynicos devassos que ousam fazer propostas infamantes, ha mulheres de pudor que sabem repellir os ataques da ignominia. Se ha covardes que não sabem respeitar o nome de seus amigos, ha heroínas que se presam de glorificar a honra de seu marido.

**Eduardo**

Defende-o ?

**Angela**

Admiro-o.

**Eduardo**

*(Tira um papel do bolso e mostra-o a Angela)*  
Conhece este papel? Recordá-se d'èsta firma ?

**Angela**

Sim; é uma letra assignada pelo punho de meu marido.

**Eduardo**

Sabe que destino teve esse dinheiro ?

**Angela**

E' excusado dizer-me-o.

**Eduardo**

Sempre é bom saber-o. Esse dinheiro foi applicado na compra de um adereço de brilhantes com que seu esposo, o seu immaculado esposo, presentou a sua amante, uma florista da rua de...

**Angela**

Uma florista ? O senhor fallou n'uma florista ?

**Eduardo**

Parece que V. Exc. conhece-a?

**Angela**

Oh! meu Deus! Será possível? Aquelle cartão, aquella ausencia na noite do baile, aquella mysterio, tudo, tudo se conspira, para destruir a minha tranquillidade! Eu desvario, eu enlouqueço! (*Senta-se desfallecida*)

**Eduardo**

Esta lettra já está vencida, e brevemente será citado o tal modelo de virtudes como devedor remisso. Acha V. Exc. que um homem que assim procede tem direito ao amor e á fidelidade de sua esposa?

**Angela**

Isto é um inferno, uma tortura insupportavel! Eu trahida! elle deshonorado! (*Erguendo-se com energia*) Não! Esmague-se o coração, mas salve-se a honra! (*Vai ao quarto e volta trazendo uma caixa com joias que deposita sobre a mesa*) Aqui tem, senhor, objectos no valor de 5 contos de réis. Dê-me estas lettras e leve estas joias. Uma mulher por mais humilhada que seja, tem o dever indeclinavel de velar o nome e a reputação de seu marido.

**Eduardo**

Com que então V. Exc. quer pagar as despezas destas novas nupcias? Pois eu lhe declaro que não costumo fazer transacções desta ordem. Emprestei dinheiro e não joias.

Regeita ? **Angela**

**Eduardo**

De certo.

**Angela**

E o que pretende fazer ?

**Eduardo**

Não acha V. Exc. que essa singular aventura referida na roda dos amigos faz um magnifico successo ?

**Angela**

Senhor ! E' então uma vingança ?

**Eduardo**

Não ; é um novo modo de divertir-me. Para a esposa trahida o escarneo e a compaixão; para o marido ingrato a deshonra e o anathema da opinião publica !

SCENA 9ª

*As mesmas e Renato*

**Renato**

E para o infame calumniador uma bala deste revolver se tiver o arrojo de pôr em pratica os seus perversos instinctos.

**Angela**

Sr. Renato, foi a Providencia quem o conduziu até aqui.

**Renato**

Minha Senhora, tenha a bondade de guardar as suas joias (*Angela sahe conduzindo as joias*). Na carteira de um amigo dedicado ha o sufficiente ainda para defender a probidade de um homem de bem atacado pela maledicencia de um canalha. Vamos, dê-me este papel.

**Eduardo**

E se eu recusar?

**Renato**

Obrigal-o-hia.

**Eduardo**

Não precisa violencia. Eil-a.

**Renato**

(*Tira do bolço uma carteira, abre, conta o dinheiro e joga aos pés de Eduardo*). Pague-se e retire-se.

**Eduardo**

(*Apanha o dinheiro, conta, mette no bolço, e olha com ar zombeteiro para Renato*) Está certo.

**Renato**

Agora fique prevenido que se tiver a estúpida lembrança de tocar, ainda que de leve na reputação desta senhora...

**Eduardo**

Que fara ?

**Renato**

Esbofeteal-o-hei.

**Eduardo**

Muito obrigado pela advertencia (*a parte*) Logo justaremos contas (*sahe*).

SCENA 10<sup>a</sup>

*Renato e Angela.*

**Angela**

Obrigada, meu amigo, muito obrigada. Ah! eu sou uma mulher maldita!

**Renato**

Não blaspheme, minha senhora, a virtude ha de ter mais cedo ou mais tarde sua legitima recompensa.

**Angela**

Ah! para mim já não ha mais felicidade na terra. Faltava este insulto para completar minha desventura!

**Renato**

Silencio! Ahi vem sua filha.

SCENA 11<sup>a</sup>

*O mesmo e Esther*

**Esther**

Mamã, senhor Renato, porque deixaram-me tanto tempo só?

**Angela**

Minha pobre filha, assim em risco de magoar-se!

**Renato**

Felizmente nada percebeu.

**Angela**

E o Dr. que tanto se demora!

SCENA 12ª

*Os mesmos e o Dr. Oscar*

**Oscar**

Mas, que nunca falta.

**Angela**

Elle !

**Oscar**

Minha senhora! Meu charo Renato! Então, é esta a nossa doente, a jovem que precisa ser operada? Pobre creança! Tão bella, tão innocente e já tão infeliz!

**Angela**

Sim, senhor Dr., é a minha idolatrada filha, que ha 8 annos soffre este terrivel martyrio.

**Oscar**

E qual a causa da molestia? Não consultou um profissional? Não ouviu a opinião dos meus collegas?

**Angela**

Um abalo violento do cerebro em consequencia de queda inesperada.

**Oscar**

E desde quando está completamente cega?

**Angela**

Fazem quatro annos que está absolutamente privada da vista.

**Esther**

Se meu pae existisse talvez que não me houvesse acontecido esta fatalidade. Minha mãe diz-me sempre que elle era um medico muito distincto e que podia curar-me com muita facilidade.

**Renato**

(*A parte*) O que não estará se passando n'estes dous corações!

**Oscar**

Vamos examinar a doente. Colloque-a n'esta cadeira com a frente para a claridade. (*Examina*) E' uma cataracta e perfeitamente amadurecida. Pode-se fazer a operação já e com um exito magnifico.

**Angela**

E ella ficará completamente curada?

**Oscar**

Minha senhora, vou fazer tudo o que um pae poderia tentar para restituir a vida de sua filha.

**Angela**

E que é necessario que eu faça?

**Oscar**

Órar, minha senhora. Deus não pode ser indiferente às preces immaculadas de uma mãe afflicta (*Para Renato*) Vamos, meu amigo, firme bem a cabeça d'esta criança, enquanto eu manejo o instrumento. (*Tira a carteira do bolso, prepara o aparelho, e começa a operação*).

**Angela**

(*Ajoelha se e ora*). Oh! Mãe dos desventurados, consoladora dos afflictos, Tu que és o cofre da bondade, o lyrio da innocencia, o iris da bonança, ampara, protege a minha querida filha nesta dolorosa situação!

**Oscar**

Prompto!

**Esther**

Mamã, mamã, vejo; vejo a luz, vejo...

**Angela**

(*Correndo para Esther*) Minha filha salva, graças, meu Deus!

**Oscar**

(*Impedindo-a brandamente*) Ainda não é tempo, minha senhora. Uma emoção qualquer agora poderia annullar todos os nossos esforços.

**Angela**

Oh' senhor! mas é isso doloroso.

**Oscar**

Queira desculpar-me; mas só depois que levantar-se o aparelho, é que a filha estremeçada poderá fitar sem perigo e para sempre a mãe idolatrada. Responsabiliso-me por tudo.

**Angela**

(*Ajoelhando-se*) Ah! o Sr. é um anjo! Deixe que de joelhos lhe agradeça a felicidade que acaba de conceder-me.

**Oscar**

Nada tem que agradecer-me. Cumpri apenas o meu dever e nada mais. Tenha a bondade de levantar-se. Esta attitude é propria sómente dos que se humilham e V. Exc. não sabe ainda se eu sou ou não digno desta veneração.

**Angela**

(*Erguendo-se*) Tem razão, senhor. A emoção do momento perturbou-me as faculdades, fez-me curvar inadvertidamente os joelhos, quando só me competia com a fronte levantada, perguntar-lhe quanto lhe devo pelos seus serviços medicos, prestados á minha filha.

**Renato**

(*A parte*) Não sei até onde estas duas almas querem levar o sacrificio de sua afeição!

**Oscar**

Conduza esta creança para o quarto. Convem

mantel-a em completo repouso. (*Renato leva Esther para o interior*). Eis a recompensa dos meus serviços (*Tira do bolso uma photographia, e entrega a Angela*).

**Angela**

(*Entre satisfeita e duvidosa*) O meu retrato!

**Oscar**

Tenha a bondade de ler o que está no verso desta photographia.

**Angela**

(*Lendo*) Ao meu adorado amante, Renato, como prova sincera do amor ardente e eterno que lhe consagro. (*Com impeto*) Ah! isto é uma calúnia revoltante, uma mentira ignobil, uma infamia sem nome. E o Senhor acredita n'esta miseravel intriga?

**Oscar**

Não!

**Angela**

Juro, juro pela memoria de minha mãe, juro pela castidade de minha filha em como estou innocente.

**Oscar**

Não precisa justificar-se, minha senhora. O seu passado absolve o seu presente. A mulher que se julga com o direito de condemnar o marido pelo crime de adulterio, não desce nunça a fazer o papel degradante de meretriz.

*Angela*

Perdão!

**Oscar**

Levante-se, o seu lugar não é a meus pés, é  
junto ao leito de sua filha!



## ACTO III

*Gabinete de consultas medicas do Dr. Oscar. A E. uma estante com livros. A D. uma secretaria, em cima da qual estão alguns frascos. Pelas paredes diversos desenhos anatomicos. 5 cadeiros em diversos lugares e um banco ao fundo. Sobre uma pequena meza, acham-se espalhados varios ferros de cyrurgia.*

### SCENA 1ª

*(Oscar e Renato, conversam ao pé da secretaria).*

**Renato**

Está sempre resolvido a tentar hoje a experiencia?

**Oscar**

E' o unico recurso com que posso contar para liquidar esta situação. Estou fatigado d'esta vida de isolamento, desta separação dolorosa que me subtrah as forças e me precipita a vida. Há 12 annos que vivo privado do amor de minha esposa e dos carinhos de minha filha, mergulhando no pelago insondavel de uma saudade infinda.

**Renato**

Ah, meu charo Oscar, tu não calculas as tempestades que têm abalado o coração d'aquella desventurada senhora.

**Oscar**

E pensas então, que também não tenho soffrido? Toda somma de energias que havia accumulado para levar a effeito o pensamento que tinha concebido, esgotou-se completamente deixando-me incapaz de proseguir na lucta.

**Renato**

Com effeito! Basta de provações! já é tempo de pôr um termo a esta serie de sacrificios. Por mais grave que tenha sido a falta, a expiação é mais que sufficiente para absolvel-a.

**Oscar**

Tens razão. A existencia sem as alegrias do lar é um fardo insupportavel. A gloria sem o conforto da familia é uma felicidade ephemera. O coração é como a planta. Para viver necessita do orvalho fecundo dos risos e do calor vivificante dos beijos.

**Renato**

Já tem um juizo seguro a respeito do estado de D. Angela?

**Oscar**

Angela é uma santa. A especie de provação que lhe impuz e que ella tem supportado com o heroismo de uma espartana, com stoicismo e abnegação dos martyres do christianismo, veio ainda mais confirmar a sublimidade de seu caracter, e enriquecer o escrinio immaculado de suas virtudes.

Sua imaginação exaltada, viu em mim um esposito culpado, e então a onda do despeito, a lava da

desconfiança, irrompeu indomita das crateras de sua alma mal ferida calcinando-lhe a razão e eclypsando-lhe a consciencia.

**Renato**

E julga-a responsavel por isso?

**Oscar**

Não: Estou convencido de que um agente superior, uma força estranha, uma violencia incognita e insuperavel, actuando sobre seu espirito perturba-lhe as faculdades, dando lugar a um desvio mental, a uma perversão psychologica a que vulgarmente chamam ciumes e que eu considero uma nevrose, uma psychopathia, uma especie de loucura transitoria, mas da qual hei de triumphar, se a sciencia não é uma cousa vã, e Deus uma mentira inutil.

**Renato**

E qual o processo que pretendes empregar para chegar a este resultado?

**Oscar**

Pondo em pratica o sabio aphorismo do immortal Hypocrates—*Similis cum similibus curantur.*

**Renato**

De modo que...

**Oscar**

Vou explicar-te em duas palavras o meu systema. Primeiramente procuro elevar a exaltação moral ao ultimo extremo; feito isto, trato de annullar

brusca e inopinadamente esta exaltação com um choque violento, uma vibração energica, que, produzindo no cerebro uma inversão rapida das correntes nervosas, dê em resultado a abolição immediata do elemento perturbador, e por consequencia o perfeito equilibrio, a harmonia das funcções, a indispensavel integridade das faculdades mentaes.

**Renato**

E tens confiança no teu processo ?

**Oscar**

Plena e absoluta.

**Renato**

Bem ; agora dize-me em que te posso servir, e que papel tenho de representar n'este grande acontecimento.

**Oscar**

A primeira parte de meu plano já foi executada ; já foi vibrado o primeiro golpe: Esther foi separada ha dous dias de sua mãe, que ignorando onde encontrar a filha deve ter o espirito, presentemente n'um grau de agitação bastante elevada e favoravel á realização do meu projecto.

**Renato**

Confesso que só os estímulos da amizade me fariam encarregar de tão melindrosa missão. Subtrahir a filha e occultar-me de sua mãe afim de evitar as suas pesquisas seria realmente um acto revoltante, se não estivesse convencido dos seus beneficos resultados e apoiado na mais illimitada das confianças.

**Oscar**

E' necessario suffocarmos alguma cousa do nosso sentimentalismo para podermos agir com toda segurança. Toma da penna e escreve o que te vou dictar.

**Renato**

Estou ás tuas ordens.

**Oscar**

Minha senhora, é impossivel fugir á luz da evidencia. Seu marido atraiçõa-a covardemente.

**Renato**

Oscar !..

**Oscar**

Escreve; assim é preciso. Tem uma amante...

**Renato**

Oh, mas isto é uma calumnia que levantas a ti mesmo...

**Oscar**

Se tens escrupulos eu mesmo escreverei.

**Renato**

Continúa.

**Oscar**

...com quem convive no maior escândalo. Se quer vingar a sua honra e desmascarar um embusteiro, vá ao meio dia á ladeira de S. Bento—segundo andar—que ahi o encontrará em flagrante delicto de

adulterio. Assigna— *Um amigo dedicado, que pede permissão para occultar o seu nome.*

**Renato**

Deus queira, Oscar, que não te illudam as tuas previsões...

**Oscar**

Vês-me sereno e calmo? Pois bem, esta tranquillidade é o prenuncio do triumpho. N'este papel está traçado todo o meu plano, o que se tem de passar e o que te compete fazer. Lê em quanto saio a vêr um doente.

**Renato**

E esta carta?

**Oscar**

Deita n'um envoltório, subscreve-a e faze-a chegar ao seu destino (*sahe*).

**Renato**

(*Depois de preparar a carta toca o tympano e apparece um criado*) Esta carta á rua Direita de Palacio, 1º andar, n. 6. Vá quanto antes (*o criado sahe*). Estão lançados os dados. Que a Providencia se compadeça dessas almas puras e desventuradas (*entra*).

SCENA 2ª

(*Augusto entra espreguiçando-se*)

**Augusto**

Estou com uma preguiça levadinha dos diabos. O tal *chinfrin* da rua dos Capitães deixou-me

o espinhaço molle, e o tal vatapá da Sr.<sup>a</sup> Andreza as tripas em petição de miseria. Mas esteve boa, esteve boa a patuscada. Que de mulatinhas chics! E eu então que sou perdidinho por uma mulata. Quando vejo um diabinho d'aquelles com seu cabeção de rendas, com seu torso, sua penca de prata na cintura, uma saia bem engommada, e o chineliinho na ponta do pé a fazer *torroc, torroc*, fico mesmo pelo beijo. Ainda hontem vinha subindo a ladeira do Tabuão quando esbarrei com um destes demonios que era mesmo uma reinação. Não tive meios termos; encostei a lancha, abordei a gaja, e ferrei-lhe um beliscão a valer: Oh! gentes, você não se assumpta? disse ella sacudindo os quartos e arrebitando os beijos. Procure outra, que a Nicota mesmo não é fazenda para seu feitio! É lá se foi a damnada se rebolando toda, deixando-me de crista cahida no meio da ladeira. Que peixão que era a tal mulatinha! O peor é que estou com umas colicas furiosas!

SCENA 3<sup>a</sup>

*O mesmo e o Commendador Pacheco*

**Commendador**

Olá! seu tratante; onde está o Sr. Dr. Oscar, o teu patrão, o teu amo?

**Augusto** (*a parte*)

Ainda mais esta massada (*Alto*). Saberá V. Exc.<sup>o</sup> que meu amo acha-se indisposto, e que não pode fallar a pessoa alguma.

**Commendador**

Isto não se entende commigo. Vai dizer-lhe immediatamente que aqui está o commendador Pacheco.

**Augusto**

A ordem é para todos. O patrão não fez excepção. (*A parte*) Ora, já viram que sujeito mais em-birrrante?... E eu com colicas.

**Commendador**

Oh maroto! pensas então que estás a fallar com algum biltre da tua laia?

**Augusto**

Tenha paciencia, Sr. Commendador; eu não fa-ço mais do que cumprir as ordens que recebi.

**Commendador**

Pois tu não estás vendo, pedaço de casmurro, que teu amo não se ha de negar a receber um cidadão de minha qualidade? Vae, vae annunciar-me quanto antes, se não queres que te pespegue duas duzias de sopapos.

**Augusto**

Onde estou eu mettido! Este *Braz Mimoso das Enxundias* é bem capaz de visitar-me a freguezia dos queixos. E eu com colicas.

## SCENA 4ª

*O mesmo e o Dr. Oscar***Oscar**

Oh! por aqui, meu caro Commendador ?

**Commendador**

E' verdade, carissimo doutor. Chegou muito a proposito. Se demora-se 5 minutos, encontrava sem orelhas o seu insolente criado.

**Oscar**

Como assim ?

**Commendador**

Pois o canalha não queria pôr-me no andar da rua, recusando-se a prevenil-o de minha presença?

**Oscar**

Ah, o Augusto é de uma auteridade pouco commum em materia de cumprimento de dever.

**Commendador**

Pode acreditar que nem o proprio Cerbero guardava melhor as portas do mythologico Averno.

**Augusto**

O patrão ainda precisa de mim?

**Oscar**

Não: podes retirar-te. Basta que voltes amanhã.

**Augusto (a parte)**

Safa, que já não era sem tempo. Malditas colicas! (*sahe*).

**Oscar**

Então, meu charo commendador, como vai com a sua dyspepsia?

**Commendador**

Perfeitamente bem. Depois que adoptei o systema Kneip e comecei no regimen vegetariano tenho gosado uma saúde de ferro.

**Oscar**

E' verdade; a agua e os legumes constituem hoje o bom tom em materia therapeutica e culinaria. E' apenas uma questão de moda. Adopta se um novo systema de curar como se adopta o novo modelo de um chapéo ou o ultimo feito de uma casaca.

**Commendador**

Mas, repare: não me acha com a physionomia mas fresca, com a cutis mais fina, mais assetinada, com uma certa expressão, com uma insolita vivacidade?

**Oscar**

Pois não; noto até que o amigo tem ganho em elegancia, o que tem perdido em abdomen.

**Commendador**

Tudo resultado do novo regimen hygienico. Fi-

que convencido, meu charo Dr., que o Kneip é o primeiro reformador da medicina. A allopathia é um systema barbaro, e a homeopathia um systema duvidoso e improfiquo; todos elles peccam, todos são defeituosos, inconsequentes, contradictorios e irracionaes.

**Oscar**

Pelo que vejo, o meu amigo fez guerra de morte aos biffes, aos purgantes. Pois é pena, porque d'este modo fico impossibilitado de convidal-o a tomar parte nas refeições onde figurem certos pratos que seu regimen condemna, mas que eu acho deliciosos; como por exemplo uma fatia de presunto com ovos, uma empada de camarões, um peru recheiado.

**Commendador**

Ah! eu não digo que seja intransigente e que n'um momento physiologico não abra uma exceçãosinho em favor de uma muqueca ou de uma cabidella. Sou tolerante por natureza. Mas vamos ao que importa, não foi para discutir systemas therapeuticos e questões pantagruelicas que o procurei tão prematuramente. Trata-se de um assumpto gravemente desastroso.

Não sabe o que aconteceu, hontem á noite no Club Commercial?

**Oscar**

Ignoro!

**Commendador**

Um caso bem lamentavel. Por causa de uma desconfiança ao jogo, o senhor Eduardo deu uma bofetada no filho do conselheiro Siqueira!

**Oscar**

Mas isso é um escandalo sem nome. E o moço ?

**Commendador**

Respondeu-lhe com uma punhalada sobre o pulmão direito, que o deixou mortalmente ferido. Fui vel-o ha pouco, e pediu-me encarecidamente para chamal-o afim de encarregar-se de seu tratamento, tendo além disto de fazer-lhe revelações de character confidencial.

**SCENA 5ª**

*Os mesmos, e Renato*

**Renato**

Meu amigo, este homem é um canalha, um bandido, um calumniador que não merece a indulgencia dos homens de bem.

**Oscar**

Perdão, meu charo Renato, os arroubos de tua solicitude eclipsam n'este momento os fulgores de tua razão. Este homem que a fatalidade acaba de ferir é sagrado para mim, supplica o meu auxilio, implora o meu soccorro, não posso nem devo abandonal-o.

**Renato**

Esqueces, então ?...

**Oscar**

Aqui não está o espôso ultrajado nem o salteador da honra, aqui não está o delinquente ignobil

nem o juiz implacável, aqui não está o vício infamante nem a virtude calumniada, aqui está somente um medico que cura e um enfermo que agonisa, e o medico que se deixa dominar pelas suas paixões ou suggestionar pelos seus interesses é um mercenario que especula com o soffrimento e não um apostolo que pratica o divino preceito da caridade. Este homem já não é mais um criminoso, é uma victima, neste momento deixa de ser um inimigo para ser um irmão.

**Commendador**

Muito bem, muito bem.

**Renato**

Desculpa-me. A irreflexão do momento transviou-me a razão e offuscou-me a consciencia.

**Oscar**

O teu zelo absolve a tua exaltação. Vamos, Sr. Commendador, Deus queira que ainda cheguemos a tempo. (*Para Renato*) Esther?

**Renato**

Ainda se conserva no seu quarto.

**Oscar**

Não te esqueças de minhas recommendações. E' preciso ir preparando o espirito para o grande acontecimento.

**Renato**

Velarei por tudo. (*Oscar sahe com o Comm*).

SCENA 7ª

*Renato e Esther*

**Esther**

(*Entra tacteando e amparando-se nos moveis, tendo os olhos vendudos*)

Sr. Renato, meu amigo?

**Renato**

Oh, que imprudencia, D. Esther! Porque se ariscou a sahir assim sem me prevenir.

**Esther**

Desculpe-me; foi a minha anciedade que me obrigou a procural-o. Era impossivel dominar a minha impaciencia. Venho pedir-lhe, venho supplicar-lhe que não prolongue por mais tempo o meu soffrimento. O sacrificio seria inferior ás minhas forças, e eu não poderia resistir a esta ausencia que me aniquila, a esta saudade que me mata.

**Renato**

Coragem e confiança, e eu prometto-lhe que em breve terá a recompensa de seu heroico sacrificio.

**Esther**

Oh! diga-me, diga-me, pelo amor de Deus, quando se levantará este véo que me separa do mundo, quando poderei ver a minha adorada mãe. Ah! como eu estou ávida de seus beijos, como estou se-quiiosa de seus carinhos. Dous dias apenas separada d'ella, e já me parece uma eternidade!

**Renato**

Não se afflija. Garanto-lhe que d'aqui a poucos momentos esta venda ha de cahir para sempre, que ha de recuperar a sua vista, gosar das delicias de um novo espectaculo, ver para sempre as maravilhas sùrprehendentes da criação, as bellezas incomparaveis da natureza, resuscitar em fim, para a felicidade nos transportes do mais fervoroso jubilo, no seio estremecido d'aquelles que a idolatram.

**Esther**

Oh! meu amigo, não queira encher a minha imaginação de ephemerias phantazias. A ventura para mim é um sonho intangivel, uma chimera insensata, uma illusão amarga.

**Renato**

Não falle assim. Aos quinze annos a descrença é um delicto imperdoavel. A mocidade não tem direito de abdicar de suas esperanças, nem de renunciar a ventura que o destino lhe offerece.

**Esther**

Impossível! Póde acaso ser feliz uma orphã que não tem pae? Póde acaso ser feliz uma filha que sente borbulhar a cada momento nos olhos de sua mãe o orvalho da tristeza, brotar da fonte de sua alma as perolas do infortunio, que ouve resoar na flor de seus labios o echo de uma saudade, que adivinha no arfar de seu seio a agonia lenta de uma agonia morta?...

**Renato**

Não se deixe vencer por este desconforto. Deus vela pela innocencia.

**Esther**

Póde acaso ter aspirações fagueiras uma pobre cega que tem vivido tanto tempo encerrada n'uma clausura de trevas, n'uma masmorra de sombras, privada de contemplar o que a humanidade tem de mais bello, e a Divindade tem de mais santo?

**Renato**

Duvida, então, que ainda pode ser feliz?

**Esther**

Ser feliz! Ser feliz é ter a alma aureolada de esperanza, é ter o futuro repleto de flores, é ter a consciencia transbordando de luz. E' sentir uma primavera no seio, construir um paraizo no coração, n'este paraizo elevar um altar, e neste altar contem-

plar de joelhos nos arroubos ineffaveis de uma affectuosidade suprema um pae que sempre nos beija e uma mãe que nunca chora. Eu não tenho direito a essa felicidade, porque sou a victima do des-terro, a noiva da fatalidade.

**Renato**

Lembra-se do sonho que teve ha poucos dias?

**Esther**

Se me lembro! Nunca poderei esquecel-o!

**Renato**

Pois bem; este sonho está prestes a realizar-se.

**Esther**

Não; não creio: é um absurdo.

**Renato**

Não tem, então, confiança em mim?

**Esther**

Se confio! Duvidar do Sr. seria a maior das injustiças que podia praticar. Eu não sou tão ingrata que me esqueça dos beneficios que tão prodigamente nos tem dispensado; mas o senhor não pôde obrar milagres.

**Renato**

Quem sabe? Quem poderá sondar os impene-traveis designios da Providencia? Os sonhos ás ve-zes são uma revelação. Como que a alma se libera por um momento de seu carcere para devassar os mysterios do futuro e affirmar a realidade dos factos.

**Esther**

Mas eu não posso comprehender, então, este enigma. Perco-me n'um labyrintho de conjecturas, n'um nevoeiro de incertezas e vacillo entre a nega-tiva de uma mãe extremosa, e a affirmação de um amigo dedicado!

Ella é incapaz de uma mentira, elle indigo de um embuste. Como conciliar esta incoherencia, como justificar esta contradicção? De que lado se acha a verdade?

**Renato**

De ambos. Sua mãe tem o dever de occultar-lhe aquillo que só eu tenho o direito de descobrir.

**Esther**

Oh! mas neste caso explique-me, esclareça-me esta situação que me deixa o espirito em ancias e a razão em trevas. Se meu pae existe, porque não se revella? Que pae tão terrivel é este que se oculta assim de sua filha? Que esposo tão indiffe-rente é este que foge obstinadamente aos affagos de sua mulher? (*Apparece o Dr. Oscar*).

**Renato**

Elle proprio lhe dará a explicação de seu procedimento. O que lhe posso garantir é que elle é digno de seu respeito, como ella de sua veneração.

**Esther**

E onde está elle? Porque se demora? Porque nos evita? Diga-me, diga-me que eu quero lançar-me nos seus braços, cobril-o de beijos, inundal-o de caricias, ajoelhar-me a seus pés e dizer-lhe: abençoa tua filha, salva tua esposa!

## SCENA 7ª

*Os mesmos e o Dr. Oscar.*

**Oscar**

Retira o aparelho.

**Renato**

Em fim vão se cumprir os seus vótos, vão ser satisfeitos os seus desejos, vai se realizar o seu sonho (*tira a venda*). Olhe para aquelle homem. Conhece-o? Viu-o alguma vez?

**Esther**

(*Fita o Dr. Oscar extremamente agitada e commovida*) Sim, sim, lembro-me, recordo-me; é este o mesmo homem que eu vi no meu sonho...

**Oscar**

Pois bem, escuta: este homem que como o anjo da guarda velava carinhosamente ao pé do teu leito, é teu pae. Teu pae, que neste momento estende os braços para nelles receber a filha estremecida, o lyrio da innocencia, o anjo da candura, a mensageira da paz!

**Esther**

Meu pae!! (*lança-se convulsiva nos braços do Dr. Oscar*).

**Oscar**

Minha adorada filha! (*beija-a frenetico*).

**Renato**

Como é sublime o espectáculo da felicidade!

**Oscar**

Mas o que tens? Porque choras? Não recuperaste a tua vista? Não encontraste teu pae? Não é completa a tua ventura?

**Esther**

Ah! Ainda não...

**Oscar**

E o que te falta, pois?

**Esther**

Extinguir do seio de minha mãe o sofrimento que a devora. Uma filha não pode sorrir quando sua mãe chora; não pode ser feliz quando sua mãe se estorce nas convulsões do infortunio.

**Oscar**

Este sofrimento, filha, só tu o podes apagar.

**Esther**

Como? Diga, diga o que é preciso fazer. Se for necessario arrancar uma a uma todas as fibras do meu coração para enchugar as suas lagrimas, abram-me o peito, arranquem-no, e eu morrerei sorrindo para que minha mãe seja feliz!

**Oscar**

Alma generosa e boa, flôr immaculada e perfumosa, filha estremecida e amantissima, é tempo de conheceres a minha historia e o motivo porque ha tanto tempo vives privada de meus carinhos.

E' tempo de justificar o meu procedimento para que não me tomes por um pae desnaturado, por um espôso ingrato.

**Esther**

Diga tudo, falle, meu pae, é com o maior interesse e a maior anciedade que eu o escuto.

**Oscar**

Nem eu, nem tua mãe, somos responsáveis por esta separação.—Tua mãe amava-me até o sacrificio, eu idolatrava-a até o fanatismo.

**Esther**

Qual foi, então, o genio mau que veio atear o facho da discordia no sereno remanso do nosso lar?

**Oscar**

O mais pernicioso de todos os vermes, o mais terrivel de todos os inimigos da paz e da tranquillidade da familia: o ciume.

**Esther**

Oh! meu Deus!

**Oscar**

Escuta e julga-me. Poucos annos depois de casados, tua mãe entrou a conceber suspeitas infundadas e injustas sobre o meu procedimento. Via em cada acto que eu praticava uma perversão do meu character, e um desvio de meus deveres, uma prova evidente de um attentado contra a fidelidade conjugal e d'ahi a origem de scenas violentas, de crises espantosas, imprecações acerbas, invectivas, doestos e aggressões de todo genero, de sorte que a nossa existencia tornou-se um inferno intoleravel. Dissimulei em quanto pude, até que vi-me na dura contingencia de adoptar uma resolução dolorosa, de

facto, mas indispensavel, uma vez que eram improprios todos os recursos que havia empregado para libertal-a de tão pernicioso obcecação.

**Esther**

Minha pobre mãe!

**Oscar**

Tornados absolutamente incompatíveis, foi mister que nos separassemos. Mas juro-te, juro-te perante Deus, que sahi com a frente erguida e com a consciencia pura. Appello para o nosso amigo.

**Renato**

E' desnecessario o meu testemunho, quando a sociedade inteira o attesta, quando a humanidade em peso o proclama.

**Oscar**

Tua mãe não é uma culpada, é uma doente.

O seu mal é uma exaltação nervosa, que só pode ser combatida por outra exaltação da mesma natureza, mas de caracter differente. E este abalo physiologico, esta commoção salutar, este choque providencial, só tu, minha filha, só tu, minha querida Esther, és capaz de produzil-o, és capaz de vibra-lo.

**Esther**

Como assim ?

**Oscar**

Dize-me. Queres auxiliar-me nesta campanha do bem? Queres ser o instrumento de nossa reconciliação?

**Esther**

O que é preciso então que eu faça para alcançar tão grande felicidade?

**Oscar**

Eu te explico. D'aqui a poucos instantes tua mãe deve achar-se nesta sala. Vou tentar uma experiencia decisiva, mas para obter um resultado satisfactorio é mister que ella te veja logo que entre.

**Esther**

Oh! mas isto é uma crueldade!

**Oscar**

As grandes victorias só se conseguem com grandes sacrificios. O que te imponho é indispensavel ao bom exito de minha tentativa.

**Esther**

E depois?

**Oscar**

Renato te explicará o resto.

**Esther**

Mas...

**Oscar**

Vacillas ? !

**Esther**

E quem nos garante que o resultado desta tentativa seja de accôrdo com as nossas aspirações ?

**Oscar**

Affirmo-te como medico e juro-te como pae.

**Renato**

E eu garanto como amigo.

**Esther**

Vamos, meu amigo, se é a Providencia que assim o quer eu curvo-me submissa a seus decretos inflexiveis.

**Oscar**

(*Vendo o relógio*) São 11 horas e 55 m., não ha tempo a perder. Renato, todos em seus postos; minha filha, uma empresa que tem como advogado o anjo da innocencia não pode naufragar nos escolhos da fatalidade (*beija-a*). Vae e confia em mim.

(*Esther sahe conduzida por Renato*).

SCENA 8.<sup>a</sup>

*Angela, Oscar e depois Esther.*

**Angela**

(*Entra arrebatadamente e com signaes de grande agitação*). Eis-me no antro do crime! No theatro da deshonra!...

**Oscar**

(*Entra com toda gravidade e encara Angela com olhar severo*). A senhora aqui?!

**Angela**

Horrorisa-lhe a minha presença? Causa-lhe repugnancia o meu aspecto? Tem razão: o phantasma do carrasco deve estremecer deante da imagem de sua victima; o abutre do crime deve corar em frente do vulto da innocencia; o espectro do vicio deve recuar em presença do anjo da virtude.

**Oscar**

E com que direito penetrou a Sr.<sup>a</sup> nesta casa?

**Angela**

Com que direito? Com o direito que tem a mulher honesta de velar pela sua dignidade offendida; com o direito que tem a esposa ultrajada de

vingar a sua honra arrastada pela lama dos alcouces, maculada pelo beijo impuro da lascívia, retalhada pelas garras aduncas do sensualismo, profanada no altar ignobil da libertinagem, onde os degenerados de sua estatura vão queimar o incenso de suas torpezas, vão entoar os hymnos humilhantes de sua impudencia, vão offercer o sacrificio inglorio de sua degradação.

**Oscar**

Senhora! (*Avança em attitude ameaçadôra e depois recúa*).

**Angela**

(*Com ar de desprezo*) Vamos, execute a sua violencia! O homem que não vacillou em fustigar o meu pudor com a bofetada aviltante da ignominia, não deve ter escrupulos em beber o meu sangue na taça impura do adulterio.

**Oscar**

Oh! é demais!...

**Angela**

O Sr. é peor do que o ladrão, é mais perverso que o sicario, é mais repugnante do que o ebrio. O ladrão furta somente o ouro, o senhor rouba a felicidade; o sicario assassina somente o corpo, o senhor estrangula a alma; o ebrio embriaga-se somente nas tavernas onde perde os sentidos, o senhor envenena-se nos bordeis, onde annulla os seus brios e emporcalha a sua reputação.

**Oscar**

Insulta-me ?

**Angela**

Insultal-o ? Não o creio. A alma embotada pelo vilipendio não sente doer-lhe as chicotadas da consciencia.

**Oscar**

A senhora está louca.

**Angela**

( *Com vida e excitada* ) Louca !... louca, sim, por que ha dous dias que corro allucinada sem norte e sem rumo em busca da filha que me roubaram: louca, sim, porque acreditei que ainda houvesse uma gotta de sangue nas veias inertes de um cadaver; louca, sim, porque julguei que era possivel brilhar algum dia uma scintella de arrependimento na alma esteril de um condemnado; louca, sim, porque persuadi-me que dose annos de sacrificios seriam bastantes para resgatar 12 annos de vilanias !

**Oscar**

E quem o causador de tudo isso ?

**Angela**

O Sr. ! Porque, emquanto eu respeitava-lhe o nome, como a mais extremosa das esposas, o Sr. atraioava-me como o mais nojento dos lacaios.

Emquanto eu subia, como uma victima o calvario do. soffrimento, o Sr. descia como um bandido ao negro abysmo da infamia!

**Oscar**

Oh! livre-se de provocar a minha colera!

**Angela**

E que posso eu temer? A mulher que combate pelos seus direitos, é mais forte que o tigre defendendo a sua presa.

**Oscar**

Saia!

**Angela**

Nunca!

**Oscar**

O que pretende? O que quer então?

**Angela**

O que quero? Quero lavar uma affronta, quero castigar uma baixeza, quero punir uma cobardia, quero apagar uma vergonha, quero seiva para meu odio, quero sangue para minha vingança!

**Oscar**

Retire-se!...

**Angela**

(*Com toda energia*) Não, hypocrita, não hei de sahir emquanto não me disserem onde está essa mi-

seravel por quem me substituíste, essa messalina ignobil a quem vendeste a minha felicidade, essa rival abjecta com quem repartiste o arminho de meu leito e as doçuras de tuas caricias, essa amante odiosa, em fim, a cujos pés arrojaste, na vertigem inconsciente dos suicidas, a pureza do teu character e a immaculabilidade de meu nome, dize...dize, que eu quero arrancar-lhe o coração com a ponta deste punhal e plantar sobre as ruínas de seu cadaver o estandarte rubro de minha indignação! Ah! Eu já não tenho lagrimas, tenho odio, eu já não sou uma mulher—sou o desespêro!

**Oscar**

E tem a certeza de que não fraqueará?

**Angela**

Na lucta pela honra, uma mulher que se presa vale muito mais do que o homem que se degrada.

**Oscar**

(*Com transporte*) Pois bem. Quer saber onde está essa rival abjecta com quem reparti o leito conjugal? Essa messalina ignobil por quem sacrifiquei meus deveres, essa creatura repugnante por quem abandonei o meu lar, essa amante impudica por quem repudiei as suas caricias, essa concubina dissoluta que aluga seus beijos, que vende os seus sorrisos, que mercadeja com seus encantos, que fascina com sua belleza; essa miseravel, em

fim, que colloquei no nivel de minha espôsa e a quem adoro como a minha propria filha? Quer mata-la? Quer arrancar-lhe o coração? Quero vêr se tem ccragem para tanto!—Eil-a... (*Entra Esther*).

**Angela**

(*No ultimo transporte de surpresa e de prazer*).  
Ah! filha! Minha filha! (*deixa cahir o punhal*).

**Esther**

Mãe! Minha querida mãe! (*abraço convulso e prolongado. Angela desmaia sobre uma cadeira*).

SCENA 10.<sup>a</sup>

*Os mesmos e Renato*

**Renato**

Que fez, meu amigo? Essa commoção, matou-a, talvez!

**Oscar**

Sim; a doente morreu para o medico, mas a esposa ha de resuscitar para a felicidade. Veja. (*Angela soluça n'uma explosão de lagrimas*).

**Angela**

Oscar, perdoa-me. A vertigem passou. A sombra espessa que por tanto tempo eclypsava a estrella de

minha razão dissipou-se como os nevoeiros densos, aos beijos mornos da alvorada da esperança. Oh! amo-te, amo-te, porque és nobre e puro!

**Oscar**

E eu adoro-te porque és santa e forte!

**Renato**

E' mais um triumpho para a sciencia!

**Oscar**

E' mais um exemplo para a sociedade!

**Angela**

Oh! Sr. Renato, não sei como pagar-lhe tanta dedicação!...

**Renato**

Nada me deve, minha senhora. Eis aqui o anjo da paz. (*Indica Esther*).

**Esther**

Sim, o anjo da paz, que vem trazer aos esposos venturosos o sello da reconciliação. (*Entrega a Angela uma medalha que tira do seio*). Agora, sim, completou-se o meu sonho; a medalha está perfeita, minha mãe vai ser feliz!

**Angela**

( *Toma a medalha e beija-a com transporte* ) Oh !  
obrigada, minha filha, minha adorada filha ! Este  
penhor sagrado com que acabas de sellar a nossa  
ventura, eu o guardarei como a mais preciosa de  
todas as reliquias !

**Renato**

O amor é o lyrio puro que embalsama a vida !

**Oscar**

E o ciume—o monstro-negro que envenena  
o lar.



2,000



# Libro-Papelaria Bivar

## EDIÇÕES DA CASA:

|                                                                                                                                                  |        |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------|
| <i>Apontamentos de Arithmetica</i> , pelo Engenheiro Civil Francisco Marcondes Pereira, Lente de Mathematicas do Lyceu do Ceará, broc. 5\$. enc. | 6\$000 |
| <i>Lições de Geographia Geral</i> , pelo Dr. Thomaz Pompeu de Souza Brazil, Lente de Geographia da ex-Escola Militar do Ceará . . . . .          | 4\$000 |
| <i>Resumo da Geographia do Ceará</i> , com mappa, pelo Professor João Gonçalves Dias Sobreira . . . . .                                          | 1\$500 |
| <i>Resumo da Grammatica Portugueza</i> , pelo professor João Gonçalves Dias Sobreira . . . . .                                                   | 1\$500 |
| <i>Catechismo da Doutrina Christã</i> , por D. Joaquim José Vieira, Bispo desta Diocese . . . . .                                                | \$800  |
| <i>Pequeno catechismo da Doutrina Christã</i> , . . . . .                                                                                        | \$100  |
| <i>Taboada ou primeiras Noções de Arithmetica</i> . . . . .                                                                                      | \$100  |
| <i>Cartas de a, b, c ou primeiras Noções de Leitura</i> . . . . .                                                                                | \$100  |
| <i>Cancioneiro do Norte</i> , notas para a historia da litteratura nacional, por J. Rodrigues de Carvalho . . . . .                              | 2\$000 |
| <i>Manual do Habeas-Corpus</i> , formulario pratico, por N. Silva, advogado . . . . .                                                            | 2\$000 |
| <i>Lyra Sertaneja</i> , por H. C. Branco, broc. 2\$, enc. . . . .                                                                                | 3\$000 |
| <i>A Fome</i> , Historia das seccas e fome do Ceará, por Rodolpho Theophilo . . . . .                                                            | 3\$000 |
| <i>Collecção das Leis de Organisação da Justiça do Estado</i> , por um advogado. . . . .                                                         | 2\$000 |
| Poesias completas, pelo Dr. Manoel Segundo Wanderley. . . . .                                                                                    | 2\$000 |
| <i>Amor e Crime</i> , sensacional drama em 3 actos, nitidamente impresso, da penna do Dr. Manoel Segundo Wanderley, br. . . . .                  | 2\$000 |
| <i>A Legislação Municipal do Estado do Ceará</i> , compilada por Cezidio de Albuquerque Martins Pereira, br. . . . .                             | 3\$000 |

42









This book should be returned to  
the Library on or before the last date  
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred  
by retaining it beyond the specified  
time.

Please return promptly.

Digitized by Google

Original from  
HARVARD UNIVERSITY